

ZERO

CURSO DE JORNALISMO DA UFSC - FLORIANÓPOLIS, OUTUBRO DE 2015 - ANO XXXIV, NÚMERO 6

RECUPERAÇÃO
ARQUITETURA
TRADICIONAL!
EDUCAÇÃO PÚBLICA INCLUSÃO
INTEGRAL DIGITAL
RECURSOS
HUMANOS
EXCLUSÃO
SUBVERSIVA

CESAR SOUZA

Promessas em cheque: a um ano para o final do mandato, ainda faltam a repavimentação de dezenas de ruas e avenidas, UPAs e mais sete obras. Estas e outras questões foram discutidas pelo prefeito em entrevista exclusiva.
Páginas 9, 10 e 11



ELEIÇÕES NA UFSC

Comunidade universitária vota nesta semana para decidir qual das cinco chapas assume a Reitoria. O Zero entrevistou todos os candidatos - corre lá para as páginas 4 e 5

Mais política e diversidade, caro leitor

Nesta segunda edição do semestre, nos preocupamos em trazer mais política para dentro do jornal (por isso temos mais quatro páginas). Depois de algumas tentativas frustradas, conseguimos uma entrevista com o prefeito César Souza Júnior para questionar as diversas promessas que nunca passaram de discurso eleitoral. Também trouxemos entrevistas com os candidatos à reitoria, tema fundamental para o principal público deste jornal laboratório – os eleitores do dia 21 de outubro – e toda a sociedade que irá ser afetada pelas escolhas administrativas e políticas da chapa vencedora.

O desafio constante de construir coletivamente um jornal entre estudantes é recompensado pela possibilidade de apostar em pautas diferentes e construir outras narrativas. A reportagem da casa de swing traz um olhar mais humano e menos moralista sobre um tema que segue sendo encarado como tabu. No mesmo mês que uma comissão especial da Câmara dos Deputados aprovou a definição de família como a união entre homem e mulher, o Zero relata o primeiro casamento coletivo homoafetivo de Santa Cata-

rina e dedica duas páginas à matéria que explica um pouco sobre sexualidades que fogem da heteronormatividade.

Ouvimos os frequentadores de algumas casas noturnas do Centro que estão sendo obrigadas a fechar mais cedo e também a vizinhança que reclama do barulho. Também abrimos o microfone para usuários do transporte público criticar o aumento, entre vinte e quarenta centavos, nas tarifas dos ônibus intermunicipais. A dificuldade de se locomover pela cidade fez nossos repórteres investigarem alternativas aos ônibus: a implementação do projeto Floribike, um serviço de bicicletas compartilhadas e do transporte marítimo público, se arrastam há anos.

Ainda apuramos o fato da UFSC não enviar nenhum atleta para a Copa Unisinos e escutamos as propostas dos candidatos à reitoria relacionadas ao incentivo do esporte. Fomos às ruas para tentar entender a disputa silenciosa entre os manezinhos da ilha e os migrantes.

Boa leitura!

CARTA DO LEITOR

Envio esta breve mensagem para, respeitosamente, manifestar o meu descontentamento com o mau gosto das imagens utilizadas para a matéria principal, tanto na capa quanto na página 10. A temática sugerida na edição por si só já tem gigantesco impacto, tal identidade visual é totalmente desnecessária e insensível. Conheço bem as dificuldades no fazer de um jornal laboratório, por isso desejo à redação sorte para as próximas edições. Empenho eu duvido que falte. **Caio Spechoto, egresso do curso de Jornalismo da UFSC**

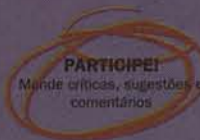
E-mail - zeroufsc@gmail.com

Telefone - (48) 3721-4833

Facebook - /jornalzero

Twitter - @zeroufsc

Cartas - Departamento de Jornalismo - Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, Trindade, Florianópolis (SC) - CEP: 88040-900



Nascida em São Paulo, Laura Capriglione é jornalista independente. Trabalhou como repórter especial do jornal *Folha de S. Paulo* entre 2004 e 2013. Dirigiu o *Notícias Populares (SP)*, foi diretora de novos projetos na Editora Abril e diretora executiva da revista *Veja*. Vencedora do prêmio *Esso de reportagem* em 1994, mudou radicalmente sua carreira e migrou do jornalismo impresso para o digital. Participa do grupo *Jornalistas Livres*. É uma das fundadoras do *Coletivo Ponte*, canal de informações sobre *Segurança Pública, Justiça e Direitos Humanos*.

OMBUDSKIVINNA

Laura Capriglione

Capa de excelente qualidade gráfica. Sintética, forte e corajosa, já que o assunto ainda é tabu na imprensa. Também muito boas as demais chamadas, percorrendo um leque diversificado de temas (educação/local, violência urbana e esporte/machismo).

Como fraqueza geral da edição, eu citaria a diagramação, com o uso muito limitado de fotografias capazes de adicionar informação ou beleza às páginas. É inexplicável que a reportagem sobre o armamento da população (pág. 12) seja ilustrada por bonecos portando guarda-chuvas, mochilas, bebês. Ou que a reportagem sobre o Plano Estadual de Educação (pág. 14) tenha livros coloridos encimados por uma maçã (hã?). Ou que a reportagem sobre o suicídio (págs. 10 e 11) tenha uma imensa ilustração pixelizada dos pés descalços de um enforcado. Ou que a reportagem sobre a crise de verbas da UFSC (págs. 4 e 5) venha com uma foto gelada do restaurante universitário que mais parece de um folder promocional da federal. E tem ainda a última página, sobre o Mercado Público de Florianópolis, em que, em vez de fotos que comprovem a "gourmetização" do espaço, o leitor precisa se conformar em ver uma precária ilustração feita a partir de montagem fotográfica. Trata-se de desperdícios de papel, que nada agregam ao conteúdo, nem melhoram o aspecto estético das páginas.

A reportagem sobre o Suicídio, nas páginas centrais de "Zero", a meu ver está correta. O enfoque escolhido é audacioso, porque vai na jugular do dogma existente nas redações dos principais veículos de informação do país, para os quais falar de suicídio

é o mesmo que induzir outras pessoas a praticá-lo. Os repórteres usaram fontes competentes e capazes de fazer a contra-narrativa, especial destaque para a Associação Brasileira de Psiquiatria que defende a informação como arma para a prevenção. Isso dito, achei ruim o título escolhido para a reportagem: *Suicídio ainda é um tabu, tanto que ficou sem título*.

Bastava dizer que *Psiquiatria defende informação como forma de prevenir suicídio*. O box da reportagem promete algo que não entrega: "Um paralelo entre Brasil e Colômbia." O texto não contém esse paralelo, apenas enuncia a situação do suicídio no país vizinho. Mas o pior é que não há motivo algum para a confecção desse box. A Colômbia não dispõe de políticas públicas revolucionárias no trato do suicídio; nem é um dos campeões de suicídio, nada que remotamente justificasse o destaque dado no box.

E, entretanto, havia um box implorando para ser feito... Dando crédito ao publicado, está dito no fim do texto principal que Florianópolis teve 56 óbitos por suicídio em 2014, com média de idade de 42 anos. Dá um suicídio consumado para cada 8.387 habitantes... Enquanto isso, Concórdia, no oeste catarinense, teve 39 ocorrências com idade média de 15 anos!!! Dá um suicídio para cada 1.848 habitantes. Quase dez vezes mais do que a média nacional!!! E as vítimas são adolescentes! O que acontece com os adolescentes de Concórdia? Infelizmente, a reportagem não diz, mas isso é uma grande pauta, se for verdade.

A reportagem sobre violência na periferia de Flo-

rianópolis (páginas 7, 8 e 9) fala de tudo e não se aprofunda em nada. Tem polícia desrespeitando os direitos dos moradores, tem guerra entre bandidos, tem políticas públicas fracassadas, tem o adolescente assassinado no dia 24 de julho (Ele tem nome? Família? Um grande perfil dele já seria uma matéria espetacular, é só ver o caso Amarildo) etc. etc. Eu, por exemplo, adoraria ler uma reportagem bem feita sobre as facções criminosas que disputam o território da "Ilha da Magia" de Florianópolis. Mas o máximo que me foi dado saber é que uma delas se chama Primeiro Grupo Catarinense. Pena. Jornalismo é foco. O que se fez foi um compilado de boas pautas sobre a periferia de Florianópolis. Resta fazer a reportagem.

Muito boa a reportagem sobre o machismo no hóquei sobre grama (pág. 15). Boas fotos, bom o enfoque. Bom o texto.

Na reportagem do pé da pág. 3, não acho correto fazer uma matéria sobre boato, ainda mais sobre boato de estupro, sem que se avance nada sobre as suspeitas existentes. Concretamente, o que se faz é apenas amplificar os danos morais e materiais contra os acusados. Jornalistas investigam, apuram, entrevistam, e tentam revelar o que está oculto. Se não conseguem, sorry, a pauta caiu. Ninguém precisa do "Zero" para dizer o que já está bombando nas redes. As pessoas precisam do "Zero" e da imprensa responsável para ajudar a separar a verdade dos linchamentos morais (tão comuns no ambiente virtual).

ZERO

JORNAL LABORATÓRIO ZERO Ano XXXIV - Nº 6 - Outubro de 2015 **EQUIPE** Amanda Reinert, Amanda Ribeiro, Ana Carolina Fernandes, Ariane Maia, Bruna Ritscher, Bruno da Silva, Daniella de Lima, Débora Baldissera, Dener Alano, Gabriel Lima, Gabriela Dequech, Gisele Bueno, Júlia Rohden, Juliano França, Karine Lucinda, Laura Prada, Leise Silva, Lillian Koyama, Luara Loth, Luiz Gabriel Braun, Marina Simões, Matheus Faisting, Mônica Custódio, Natália Huf, Paula Barbabêla, Roberto Granzotto, Rubens Lopes, Sandy Costa, Sarah Laís, Simone Feldmann, Talita Burbulhan, Valdo Santos, Valmor Neto e Vinícius Bressan **EDIÇÃO** Gabriela Dequech, Júlia Rohden, Talita Burbulhan, **CAPA** Amanda Ribeiro **PROFESSOR-RESPONSÁVEL** Marcelo Barcelos MTb/SP 25041 **MONITORIA** Ayla Passadori e Gabriela De Toni **IMPRESSÃO** Gráfica Grafimorte **TIRAGEM** 2.500 exemplares **DISTRIBUIÇÃO** Nacional **FECHAMENTO** 16 de outubro

Melhor Jornal-Laboratório
EXPOCOM SUL 2015

Melhor Jornal-Laboratório do Brasil
EXPOCOM 2015

Melhor Jornal Laboratório - I Prêmio Foca
Sindicato dos Jornalistas de SC 2000

3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil
EXPOCOM 1994

Melhor Peça Gráfica Set Universitário / PUC-
RS 1988, 1989, 1990, 1991, 1992 e 1998

"Cadáver é um ser a serviço da humanidade"

Para professora da UFSC Ana Casadei, é preciso estimular respeito a corpos para estudo da anatomia

Você já pensou se, dentro do laboratório onde você estuda todos os dias, houvesse cadáveres humanos? Mais do que isso. Você já imaginou que, depois de passar no vestibular, você iria precisar colocar a mão nesses corpos? Pois é. Nada de filme de terror dos anos 90 ou daquelas pégadinhas que passam na televisão no final das noites de domingo. Esse exercício, sério e necessário, é uma realidade para os estudantes das áreas biológica, desportiva, da saúde e de agrárias que frequentam o Laboratório de Anatomia, no Centro de Ciências Biológicas, na Universidade Federal de Santa Catarina.

A cada semestre, aproximadamente mil alunos, dos cursos de Ciência e Tecnologia de Alimentos, Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fonoaudiologia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Psicologia, da UFSC, passam pelo anatômico e, literalmente, fazem o primeiro contato, do ponto de vista de ensino aprendido, com o corpo humano. O objetivo das atividades, que são acompanhadas por técnicos especializados, é dar suporte para os estudantes, pois saber manipular o organismo das pessoas é fundamental na formação desses futuros profissionais. Além de servir para os estudos práticos dos acadêmicos, o laboratório do CCB também é utilizado em projetos de pesquisa e extensão, bem como para a visita de alunos do Ensino Médio.

A menos que solicite, o estudante de graduação não vê os cadáveres logo na primeira aula. Nesse dia, há apenas uma introdução teórica sobre anatomia. O acadêmico que, geralmente, é da primeira ou segunda fase, também recebe um folder de orientação e as normas de conduta e comportamento

no local. Nas duas semanas seguintes, as aulas serão sobre esqueleto. Depois, é a vez de estudar as articulações. Somente no quinto encontro é que vai acontecer o primeiro contato entre aluno e cadáver. Durante esse tempo, que varia conforme o curso, o graduando pode se adaptar, caso ainda não esteja preparado.

A anatomia humana serve de base para diversas áreas de conhecimento e consiste no estudo das estruturas e dos sistemas do organismo humano, de forma organizada e se baseando nos aspectos morfofuncionais. No anatômico da UFSC, as atividades são feitas em cadáveres que são obtidos por três maneiras: doação em vida do próprio corpo; doação feita por familiar, após a morte; e amparada pela Lei 8.501/92, art. 2º, do Código Civil Brasileiro. Neste caso, considera-se que "o cadáver não reclamado junto às autoridades públicas, no prazo de 30 dias, poderá ser destinado às escolas de Medicina, para fins de ensino e pesquisa de caráter científico". A partir de então, os corpos são levados para a instituição escolhida, e, lá, as informações serão identificadas e armazenadas em um banco sigiloso de dados.

Para a professora do Departamento de Ciências Morfológicas da UFSC, Ana Paula Marzagão Casadei, o estudo feito em cadáveres é, hoje, o meio mais adequado para aprender anatomia, especialmente na área médica. Ela explica que usando material de plástico, por exemplo, a possibilidade de retratar a realidade do corpo humano é menor, visto que não existe a mesma riqueza de detalhes, a mesma clareza de estruturas e mesmas propriedades.

"Não há peças ou bonecos anatômicos que te deem a mesma profundidade de conhecimento que um cadáver possa te oferecer."

Os profissionais da área da anatomia enxergam o cadáver como um ser humano pós-morte que, mesmo em uma etapa de deterioração própria daquele estado atual, continua servindo à ciência e à humanidade. Dessa forma, há uma orientação para que os estudantes tenham o mesmo

entendimento, pois "o cadáver não é um livro, não é um atlas de anatomia e não é uma ferramenta de ensino. O cadáver é um ser que está a serviço da

humanidade mesmo depois da interrupção da vida", elucida a professora que, desde 2006, dá aula na Universidade Federal de Santa Catarina. As normas também valem para os servidores que, em alguns casos, precisam se habituar ao trabalho.

Rosilda da Conceição, de 47 anos, é servidora, na área da limpeza do laboratório, há dois anos. Usando um par de luvas nas mãos e uma máscara no rosto, ela contou à equipe de reportagem do Zero que, quando começou a trabalhar no local, precisou alterar a sua alimentação. "Eu não conseguia comer carne, principalmente de porco. Tudo me lembrava dos cadáveres, e aquilo me embrulhava o estômago." Depois de dois meses, o alimento voltou a fazer parte do cardápio na casa

de Rosilda, "Logo que me habituei ao trabalho, eu consegui voltar a comer normalmente". A luva e a máscara usadas pela servidora servem para que ela não entre em contato diretamente com o formol, já que o convívio de Rosilda com os cadáveres é diário.

Além do comportamento ético, por parte dos professores e servidores do laboratório, também existe uma preocupação com a relação que os alunos têm com os cadáveres. Assim,

estabeleceu-se que, antes de iniciar as atividades práticas, os acadêmicos precisam se vestir com uma roupa especial que

inclui jaleco, luva, calça comprida e calçado fechado. Também é proibido fotografar dentro do espaço onde os corpos ficam. Aliás, o fato de não poder tirar fotos de cadáveres não é somente uma norma de comportamento do laboratório como também está previsto no art. 212, do Código Penal Brasileiro, que considera o vilipêndio de cadáver um crime de desrespeito com os mortos. A pena prevista é de detenção de um a três anos, além de multa.

As informações sobre os cadáveres do Laboratório de Anatomia da UFSC são guardadas sob sigilo total. O que se sabe é que o espaço nunca recebeu corpos infantis, apenas de adultos. Normalmente, os que chegam são de indivíduos não reclamados junto ao Instituto Médico Legal (IML).

"Se, de repente, surge uma investi-

gação ou até mesmo uma busca que precisa de informações, o IML consulta a Universidade, e nós fornecemos o material necessário", salienta a professora Ana Paula. No caso de a doação ser feita pelos próprios familiares, o contato é feito diretamente entre eles e a Instituição.

O transporte dos cadáveres é algo extremamente complexo, já que a UFSC os recebe somente por meio de veículos autorizados, ou seja, através de carros de funerárias credenciadas ou do Instituto Médico Legal. Da mesma forma, não existe a possibilidade de enviá-los para outros lugares em veículos que não estejam nessas condições. "Você não pode pegar o cadáver e colocar numa ambulância, numa van ou numa caixa e despachar. Não é uma carga. Ele só pode sair daqui transportado em veículo do governo ou de funerária", explica a professora do Departamento de Ciências Morfológicas.

Depois de chegar ao laboratório, o primeiro procedimento é formolizar o cadáver, isto é, fixá-lo em formol. Para que não haja deterioração, esse processo precisa acontecer nas primeiras horas. Enquanto isso não ocorre, ele tem de ficar congelado para não apodrecer. Nesse caso, o corpo permanece dentro de um freezer e, assim que possível, será formolizado. Quando for utilizado pode ficar até uma semana na bancada de estudos. Os cadáveres não têm prazo de validade.

Juliano França

jdejuliano@hotmail.com

Sarah Lais

srt.sarahlais@gmail.com

Valdori Santos

reportervaldoriantos@gmail.com



Imagem produzida e meramente ilustrativa. Crédito: Simone Feldmann/Zero

Candidatos a reitoria defendem propostas

Professores, alunos e servidores irão às urnas para indicar quem ocupará o cargo nos próximos 4 anos

O mandato da gestão atual da reitoria termina apenas em maio do ano que vem, mas no próximo dia 21 a comunidade universitária votará no primeiro turno da eleição que definirá os nomes de quem vai atuar como reitor(a) e vice-reitor(a) até maio de 2020. O segundo turno, caso ocorra, será realizado entre as duas chapas mais votadas, no dia 11 de novembro. Podem participar da votação os docentes e servidores técnico-administrativos em educação (TAEs) em exercício, além de todos os estudantes de graduação, pós-graduação e do Colégio Aplicação — acima de 16 anos — com matrícula regular.

As três categorias de eleitores (TAEs, professores e alunos) possuem peso igual, o que

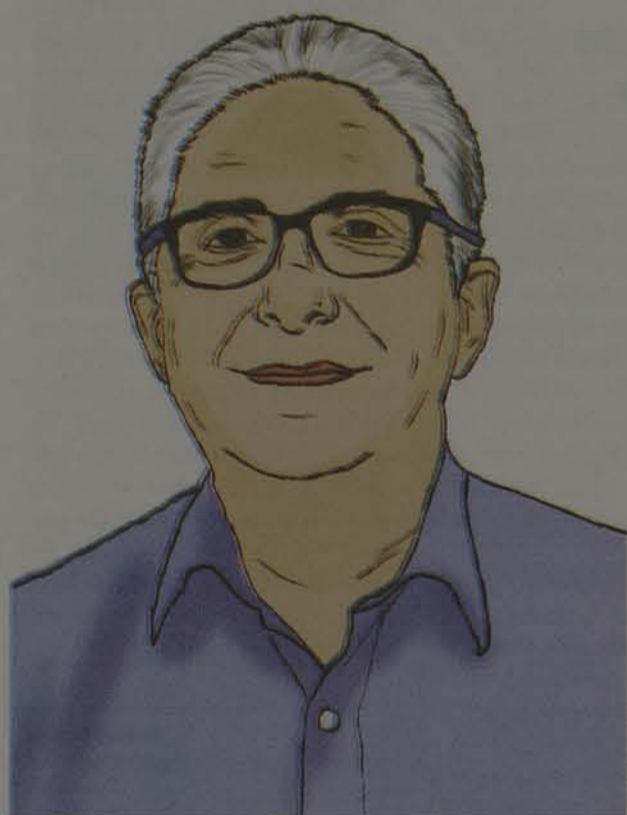
significa que, quanto menos eleitores em uma categoria, maior o peso de cada um dos votos. Por exemplo: caso todos os estudantes comparecessem à votação, seriam necessários cerca de 11 votos para que se alcançasse o voto de um TAE, e 17 estudantes para alcançar o peso do voto de um professor.

A eleição tem caráter consultivo e não deliberativo, o que significa que qualquer um dos candidatos pode ser escolhido pela Presidência da República para o cargo, independente do resultado das urnas. O que ocorre é um acordo entre a universidade e os candidatos, firmado pela primeira vez ainda durante a época de redemocratização do Brasil. Nesse acordo, é pedido aos candidatos que não foram escolhidos pela comunidade universitária

para representar a UFSC que retirem seus nomes do pedido de concorrência ao cargo. Essa regra tem sido respeitada por todos os candidatos à Reitoria da universidade nos últimos 30 anos.

No site da Comissão Eleitoral UFSC (www.comeleufsc.ufsc.br) é possível obter mais informações sobre o pleito, como locais de votação, relação de eleitores e resoluções que determinam regras para a campanha. Dúvidas e denúncias sobre a eleição podem ser enviadas para o email comeleufsc@contato.ufsc.br.

Gabriel Lima
gabrielduwe@gmail.com
Vinícius Bressan
bressanferreira@gmail.com



Arte: Luiz Fernando Meneses

A candidatura da chapa "Confiança e Credibilidade", do número 81, é composta por Cláudio Amante, professor do curso de Odontologia no Centro de Ciências da Saúde (CCS), e Rogério Bastos, professor e chefe do Departamento de Engenharia do Conhecimento do Centro Tecnológico (CTC).

Como você avalia a atual gestão da reitoria?

Eu vejo que é uma gestão que precisa melhorar seus processos internos, pois é burocrática e falta uma definição expressiva de como realizar com efetividade as atividades dessa universidade. A atual gestão tem um isolamento com os demais setores. Falta também uma governança eletrônica para melhorar a efetividade.

Quais as propostas da sua chapa em relação à permanência estudantil?

A permanência estudantil é um desafio para a próxima gestão. É preciso que o aluno tenha não só a formação intrínseca de sua área, mas também que possa fazer outras atividades complementares, como esporte e pesquisa. Todos falam que os alunos precisam de reforço; por que não usar a tecnologia para melhorar a gestão? O aluno não poderia ter todas as aulas ministradas travadas para fazer o devido acompanhamento?

Como a chapa pretende se posicionar em relação aos cortes do governo federal?

Em primeiro lugar é preciso buscar o programa Ciências Sem Fronteiras. Esse corte acaba com a expectativa de intercâmbio e mobilidade para alunos da graduação. O segundo ponto: a chapa se posiciona contra algumas medidas que vão prejudicar muito a universidade como a retirada do abono permanência e a proibição de concursos. Em terceiro lugar, é preciso buscar mais verbas para o Hospital Universitário, para o Restaurante Universitário (RU) e para as entidades que efetivamente trabalham dentro da universidade. Outro ponto fundamental é a modernização e ampliação de títulos de livros e e-books para a Biblioteca Universitária (BU).

Por que alunos, professores e servidores devem votar 81 no dia 21 de outubro?

Votar 81 porque nós vamos trabalhar por segurança e modernização do ensino da graduação. Precisamos trabalhar na qualificação de uma universidade nova e empreendedora. Essa universidade não pode ser igual à de 30 anos atrás, quando se entrava aqui, assistia-se aula e ia-se embora. Nós vamos começar a mudar essa cultura. Nós podemos buscar recursos, nós temos experiência administrativa, nós estamos há mais de 30 anos na universidade, já ocupamos os mais diversos cargos, já tivemos experiências fora da UFSC e, com isso, a inovação será a nossa marca.

Luiz Cancelier e Alacoque Erdmann formam a chapa "A UFSC Pode Mais", do número 82. Cancelier é diretor do Centro de Ciências Jurídicas e professor do curso de Direito, enquanto Alacoque é professora na área de Enfermagem nos cursos de graduação e pós-graduação.

Como você avalia a atual gestão da reitoria?

O que caracteriza a gestão hoje da universidade é uma incompreensão sobre o processo burocrático. Nós entendemos que a gestão burocratizou a universidade e é preciso tomar medidas urgentes para desburocratizar, é preciso tomar medidas que levem em conta a eficiência administrativa. É isso que a comunidade universitária espera.

Quais as propostas da sua chapa em relação à permanência estudantil?

Garantir e ampliar os programas de permanência. Garantir e ampliar os direitos estudantis. A partir do ano que vem 50% dos alunos vão entrar pelo sistema de ações afirmativas ou escola pública, e é necessário que a universidade receba e dê garantia para que esses estudantes possam estudar. É preciso também uma ação firme não apenas do ponto de vista material como também do ponto de vista pedagógico.

Como a chapa pretende se posicionar em relação aos cortes do governo federal?

Buscando alternativas de recursos extraorçamentários. Por isso a necessidade de dar a mais ampla liberdade aos pesquisadores e extensionistas, para que eles busquem a iniciativa privada, para que eles busquem os órgãos governamentais e nas entidades não-governamentais recursos para os seus projetos e suas pesquisas.

Por que alunos, professores e servidores devem votar 82 no dia 21 de outubro?

Porque ela representa uma esperança de mudança, a mudança propositiva. Avançar com responsabilidade, avançar no sentido de processo de construção de histórico dessa instituição, avançar para que não haja nenhum retrocesso, para que as pessoas possam se sentir confiantes e orgulhosas de pertencer à universidade. Esse processo de mudança, que começa agora no dia 21, tem que ser consolidado, tem que ser responsável.

Nenhum passo atrás, e sim avançando com responsabilidade.



Arte: Amanda Ribeiro

“A UFSC é o Nosso Compromisso”, do número 83, é a chapa da atual gestão da Reitoria, com a reitora Roselane Neckel, professora do Departamento de História e docente da UFSC desde 1996, e a vice-reitora Lúcia Pacheco, professora da Universidade desde 1986 e vinculada ao Departamento de Informática e Estatística.

Como você avalia a atual gestão da reitoria?

A atual gestão da Reitoria foi uma gestão bastante comprometida com a Universidade que resolveu muitos problemas que haviam sido apresentados a ela no início da sua gestão. Eu acho que é muito importante o reconhecimento da comunidade verificando o que foi feito, o que estava e como está hoje.

Quais as propostas da sua chapa em relação à permanência estudantil?

A garantia da ampliação do número de bolsas estudantis, que é algo que já foi feito na atual gestão e que nós acreditamos que precisa continuar a partir da captação de recursos com o governo federal. Também é muito importante lembrar de toda a atuação dos nossos estudantes nas áreas de pesquisa e extensão com a ampliação, pretendemos fazer ainda mais com a captação de recursos dos projetos institucionais que garantirão a ampliação dos projetos de pesquisa.

Como a chapa pretende se posicionar em relação aos cortes do governo federal?

Já estamos nos posicionando. Primeiro solicitando ao governo federal, ao MEC e ao Ministério do Planejamento uma posição firme no respeito às verbas para a educação e no orçamento que é de direito das universidades. Além disso, é preciso ter claro as prioridades e critérios de investimento a serem adotados na UFSC. Acredito que temos experiência na gestão e estamos demonstrando, pelo país temos greves, sem recursos para funcionar e a UFSC funcionando, mesmo com as dificuldades da greve dos TAEs, com calendário normal.

Por que alunos, professores e servidores devem votar 83 no dia 21 de outubro?

Eles devem votar 83 pelo reconhecimento do trabalho que foi feito nos últimos anos com muita justiça, correção, honestidade, seriedade e responsabilidade. Eu e Lúcia temos clareza no trabalho que realizamos e um forte compromisso com a universidade. Tratando todos com equidade, baseando-se numa política clara, de levantamentos e diagnósticos, e criando critérios técnicos que definam a política de gestão. A UFSC hoje é a 4ª melhor universidade do país, tem excelência acadêmica. O nosso grande desafio é buscar a excelência administrativa, fortalecer a cultura de respeito à instituição e não uma que favorece grupos ou indivíduos.



Arte: Amanda Ribeiro

A chapa “UFSC Mais” reúne um candidato do CTC e outro do CED. Edson De Pieri é professor na Universidade desde 1992, no Departamento de Automação e Sistemas, e atual vice-diretor de centro. Carlos “Bebeto” Marques é professor do Departamento de Metodologia de Ensino desde 1999 e diretor desde 2003.

Como você avalia a atual gestão da reitoria?

A gestão precisa mudar urgentemente. Na verdade a gestão atual está muito centralizada na figura do reitor. Ela tem problemas sérios de uso da máquina (eleitoral) indevidamente, não conseguimos vencer a burocracia, há uma dependência enorme nas funções técnico administrativas e a gente acredita que a reitora não priorizou as pessoas com mais competência para as funções para as quais foram escolhidos.

Quais as propostas da sua chapa em relação à permanência estudantil?

A permanência estudantil tem que ser ampliada, ela vai ser incentivada, isso é lei, já é uma decisão da Universidade. Nós vamos passar por uma fase bastante difícil de cortes no orçamento, mas o nosso compromisso é ampliar a permanência estudantil – sempre dentro daquilo que a gente tem insistido

muito, a permanência estudantil sempre como meio para uma formação de qualidade. Nós queremos aqui o aluno, nós vamos protegê-lo do ponto de vista da assistência financeira para os que tem fragilidade econômica, mas sempre com o objetivo de ter a melhor formação.

Como a chapa pretende se posicionar em relação aos cortes do governo federal?

A nossa proposta é uma gestão compartilhada. Nós vamos reunir todos os diretores, diretores de *campi*, e vamos repactuar aquilo que é o planejamento para os próximos anos. Não sabemos quanto tempo vai durar os cortes orçamentários. Será repactuado, será otimizado e, além disso, nós vamos favorecer a contratação de projetos que geram muitos recursos para a Universidade, principalmente na forma de bolsas e de taxas.

Por que alunos, professores e servidores devem votar 84 no dia 21 de outubro?

Por que votar 84? Nós somos uma chapa acadêmica, queremos revitalizar a função acadêmica da UFSC, formação de qualidade, e principalmente, restabelecer a confiança nos estudantes, nos técnicos e nos docentes. Ou seja, nós queremos é que a sociedade veja a UFSC como universidade que cumpre a sua função social.



Arte: Amanda Ribeiro

A chapa “Somos Todos UFSC”, de número 85, é composta por Irineu de Souza, professor do Departamento de Ciências da Administração no Centro Socioeconômico (CSE), e Mônica Aguiar, ex-diretora e professora no campus de Curitiba da UFSC.

Como você avalia a atual gestão da reitoria?

A atual gestão tem duas dificuldades básicas. Uma é na gestão específica da universidade. Faltou humanidade em relação a docentes e técnicos. Em outra dimensão, na área política, a gestão não se utilizou da autonomia universitária para discutir temas polêmicos na universidade, como segurança e cortes de verbas. Então a gestão ficou um pouco acanhada, dependente do MEC.

Quais as propostas da sua chapa em relação à permanência estudantil?

Temos a ideia de ampliar o sistema de bolsas permanência. Temos também a proposta da alimentação com três refeições no RU, além da ampliação do seu espaço físico. Também queremos levar o restaurante para os *campi* que ainda não tem essa estrutura. Também há necessidade de ampliar a moradia estudantil. Com as novas políticas de inclusão e permanência, a universidade tem um perfil bem diferente do de dez anos atrás. Precisamos também pensar em nivelamento, para que as pessoas concluam algumas disciplinas ou

conhecimentos suplementares e não desistam da universidade.

Como a chapa pretende se posicionar em relação aos cortes do governo federal?

A universidade tem autonomia e precisa se posicionar. Em nome dessa autonomia, os reitores podem se reunir e protestar contra o corte de verbas. A universidade não pode ficar como está hoje, subordinada ao MEC. Ela precisa utilizar o seu poder com liberdade, e a partir disso mobilizar a sociedade e outros reitores. Além da manifestação contrária, precisamos discutir tecnicamente os cortes.

Por que alunos, professores e servidores devem votar 85 no dia 21 de outubro?

Primeiro, essa é a única chapa que tem uma carta de princípios, que primeiro discutiu as problemáticas da universidade para depois se candidatar. Então nós tivemos a preocupação de olhar para a nova realidade da universidade, o novo perfil do alunado, nos preocupando com os cinco *campi*. Temos uma formação acadêmica nessa área. O nosso trabalho de doutorado foi uma pesquisa de como administrar uma universidade federal. Entrevistamos todos os reitores das universidades federais do Brasil, e temos uma estrutura de gestão diferenciada, pautada nas dimensões: acadêmica, administrativa, humana e política-social.



Arte: Amanda Ribeiro

Reajuste não traz benefícios para usuários

Mesmo com aumento, ar condicionado e mais opções de horário não são garantias para este ano

As tarifas dos ônibus intermunicipais foram reajustadas na meia noite do dia 30 de agosto. A autorização do acréscimo de 6,4% foi concedida pelo Departamento de Transporte e Terminais (DETER). Os passageiros das empresas Estrela, Biguaçu, Imperatriz, Jotur, Santa Terezinha e Paulotur tiveram que desembolsar de 0,20 a 0,40 centavos a mais desde então. A licitação vigente, que concede a exploração do serviço a estas empresas há mais de 20 anos, não prevê nenhum tipo de contrapartida das companhias para seus funcionários, clientes e melhoramento de frota. As empresas pediram o aumento da tarifa devido a inflação de 7,42% acumulada no período.

De acordo com o agente fiscal de transportes do DETER, Luís Carlos Faísca, as empresas solicitaram aumento de 10% na tarifa, mas após a análise de do-

cumentos enviados pelas companhias, o departamento decidiu autorizar o reajuste de 6,4% para cada patamar. "Do que as empresas pediram, nós demos quase a metade. Tudo o que eles não provarem e que não acharmos fundamento, não liberamos no valor do reajuste. Geralmente temos dado menos do que as empresas pedem", explica.

Em nota o Movimento Passe Livre questiona por que as empresas não retiraram o valor necessário para cobrir suas despesas de seus lucros. "Todo aumento de tarifa é ilegítimo e faz crescer o número de pessoas que deixam de acessar a cidade. Quanto mais longe a pessoa mora do centro, mais prejudicada ela fica. Aumentar a tarifa é um ato de violência inaceitável contra essas pessoas", afirmam.

Os preços que agora variam de R\$ 3,20 a R\$ 6,20 reacende os questionamentos acerca da qualidade dos serviços presta-

dos pelas empresas. No orçamento mensal, o aumento contabiliza pelo menos 12 reais a mais para quem usa o serviço todos os dias.

"Nesse momento está previsto que o transporte intermunicipal tenha ar condicionado e uma maior frequência de linhas. Mas no contrato que originou essas concessões isso não era contemplado. Não podemos onerar o concessionário do que não está previsto no contrato, a não ser que seja feito um termo aditivo. Mas como esses contratos vencem em 2016/17, só na nova lei da licitação que poderá mudar a situação", explicou o agente fiscal do DETER.



Quem usa ônibus todo dia gasta, no mínimo, R\$ 12/mês a mais

Ana Carolina Fernandes
anacarolinafernandes@gmail.com
Bruno da Silva
brunodasilva@gmail.com

Ilustração: Palita Buchmann

Origem

Juliana Prim, 21, estudante de Arquitetura, sai de Forquilha e vai para o centro de Florianópolis todos os dias. "Me incomoda ficar cada vez mais pobre e o ônibus não melhora em nada. Ele fica estralando, sempre detonado e as vezes quebra. Não posso deixar de fazer nada por conta do aumento, sou obrigada a trabalhar e ir pra aula".

Tatiana Armsbrust, 41, se assustou com o reajuste repentino da tarifa. "Até fiz uma postagem no Facebook para falar sobre o aumento. Eu acho bem abusivo". Tatiana não utiliza o ônibus diariamente, mas reclama dos horários. "Eles são muito próximos e o isso só piora nos finais de semana".

Richard Machado mora no bairro Abraão, mas utiliza o transporte intermunicipal para ir até a faculdade em Barreiros. "Soube do aumento quando estava na fila pra pegar o ônibus. Eu pagava R\$ 3,40 e foi para R\$ 3,60. Eu dependo disso para ir à faculdade e à casa dos meus amigos. Agora se eu for visitá-los, não vou pra aula".

André Felipe Machado e Roberto da Silva usam há dois anos o transporte da Jotur e perceberam, muito antes do aumento das tarifas, que a incomoda das pessoas não era restrito ao valor das passagens. Foi por isso que criaram a página no Facebook "As aventuras de Jotur" que traz relatos dos usuários sobre as dificuldades enfrentadas.

O itinerário do cinegrafista Mame Medeiros, 43, teve a tarifa aumentada de R\$3,20 para R\$3,40. Medeiros, que é gaúcho e morou alguns anos nos Estados Unidos, acha que o transporte público da região de Florianópolis não é satisfatório. "A tarifa aumenta, mas o serviço não melhora. Está péssimo".

Renato Muller tem condições de ir de moto para o trabalho e é o que vem fazendo depois que soube do aumento das tarifas. "O que mais me incomodou foi não ter visto nada sobre o aumento". Mesmo tendo uma alternativa para não andar de ônibus, Muller se queixa da qualidade do transporte: "os ônibus em geral são bem precários, o sistema de cartão implementado é falho".

Destino

Cidade

Balsas podem sair do papel e virar realidade

Terminais marítimos são principal alternativa aos meios de transporte público tradicionais na Capital

Quem já enfrentou uma fila na ponte, certamente pensou na possibilidade da implantação de um sistema de transporte marítimo público em Florianópolis. Desde 2010, essa ideia vem sendo pensada a partir do I Seminário sobre Transporte Marítimo, realizado em parceria com a Prefeitura, o Banco do Brasil e cooperativas de barqueiros de Florianópolis. Travessias experimentais foram feitas por autoridades da Prefeitura, Câmara de Vereadores e Assembléia Legislativa de Santa Catarina com o intuito de estudar a viabilidade desse meio de transporte na Ilha. Como resultado, um projeto concluído em maio do ano passado está guardado nas salas do Departamento de Transportes e Terminais do Estado, o Deter, pronto para ser posto em prática.

Ainda em fase de estudos de demanda, o sistema consiste inicialmente em dois terminais anexados a trapiches de 75 metros de extensão. Um situado no Centro, próximo à passarela Nego Querido, e o outro na Beiramar de São José, situada no bairro Campinas. Estruturadas com hall de acesso ao píer, bilheterias, salas de espera,

escritórios, área técnica, lojas, banheiros e lanchonetes. O projeto apresenta também acessibilidade completa para portadores de necessidades especiais e um sistema de climatização. O horário de funcionamento inicial seria das 6h às 23h, sujeito a mudanças. Caso os resultados sejam positivos, o trabalho ainda possui outros dois possíveis pontos de implantação, um no centro de Biguaçu e mais um no bairro Barreiros.

Tomando café sentado na portaria de um prédio público, um segurança contemplava sereno a multidão que passava pela rua. Quando ouviu falar sobre o tema transporte marítimo nas baías da capital, seu olhar mudou com convicção. "Isso aí já é assunto antigo na cidade. Todo mundo aqui sempre quis essa opção de transporte, mas a gente sabe que tem muitos interesses por trás e no fim nunca acontece nada", diz o porteiro, que não precisava de muitas perguntas para expressar sua indignação. Explicava que o trânsito na cidade está caótico e precisa de soluções alternativas. Ainda que bem posicionado, não quis se identificar.

Gerente de Transportes Hidroviários do Deter, Nildo Nazareno Teixeira afirma que o projeto ainda está para-

do porque as documentações enviadas para a Fundação do Meio Ambiente (Fatma) e para a Superintendência do Patrimônio da União (SPU) ainda estão incompletas, mas que no mês de outubro haverá uma adequação. Davi Vieira da Rosa Fernandes, servidor da Fatma, confirma que recebeu duas vezes as documentações do projeto, porém estavam irregulares. Garantiu que feitas as correções necessárias, em um mês as licenças seriam concedidas. Uma vez tendo as licenças, a empresa imbitubense BB Barcos terá autorização para começar as construções, providenciar as embarcações e determinar os preços.

Em meio a frequentes telefonemas e atendimentos presenciais, outra pessoa interessada no transporte marítimo em Florianópolis conversou com o Zero. Esta servidora do SPU/SC, que não quis se identificar, mora há poucos anos na cidade e nunca entendeu por que não existe esse tipo de serviço nas baías que cercam a Ilha.

Esperançosa, torce para que o projeto atual não fique engavetado e explicou um dos principais entraves. "Projetos de iniciativa privada acabam enfrentando mais burocracia, o que infelizmente pode atrasar a rapidez da sua realização".

Analisando os quatro processos do projeto em questão, a funcionária lembrou do transporte hidroviário do Rio de Janeiro, realizado pela empresa

CCR Barcas na baía de Guanabara. Segundo o site da empresa, sua frota composta por 15 catamarãs e nove barcas tradicionais transporta 29 milhões de pessoas por ano com tarifas de R\$ 5 a R\$ 14. A US200, embarcação mais moderna entre elas, apresenta sistema de climatização, bicicletários, e tem capacidade para dois mil passageiros.

Algumas das vantagens apontadas pelo projeto engavetado no Deter são o baixo custo de operação por passageiro, a alta previsibilidade do tempo de viagem e a segurança. Além de reduzir o índice de poluição por passageiro

e investimentos na infraestrutura da cidade.

As duas empresas vencedoras das licitações que elaboraram o projeto são catarinenses. As partes terrestre e aquática foram feitas pela Iguatemi Consultoria e Serviços de Engenharia, de Florianópolis, e a de dragagem foi produzida pela empresa Patrimônio Arquitetura e Urbanismo, de Laguna. Todos os custos de implantação e operação estão a cargo da iniciativa privada com fiscalização do governo por meio do DETER.

Dado o primeiro passo para que comecem as construções, serão necessárias licenças da Fatma e da SPU. Além disso, as embarcações devem passar por vistorias da Marinha do Brasil. Antes mesmo de o projeto receber estas liberações, a empresa BB Barcos ganhou a concessão para realizar as obras e depois operar o transporte durante cinco anos, período em que será feito um estudo de viabilidade econômica.

Daniella Coriolano

daniellacoriolano@gmail.com

Laura Prada

lmpm134@gmail.com

Roberto Granzotto

roberto.granzotto@gmail.com



Trânsito caótico preocupa a população, que pede melhorias e mais opções de locomoção

Floribike não atrai financiadores e é adiado

A exemplo de cidades como Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador, Brasília e São Paulo, a capital catarinense aguarda mais um projeto que promete amenizar problemas de mobilidade urbana. A implementação do serviço de bicicletas compartilhadas, o Floribike, que se arrasta por mais de cinco anos entre propostas e editais, na última semana sofreu modificações para acelerar as construções.

Originado do Projeto Velocidade, cujo o objetivo era ampliar e melhorar a circulação de ciclistas na cidade de Florianópolis com criação de rotas e a conscientização dos motoristas, o Floribike consiste na construção de ciclovias e de pontos de aluguel de bicicletas em locais estratégicos da cidade, especialmente na área universitária. Além de melhorias no tráfego nas principais avenidas e na segurança dos ciclistas, o projeto visa promover um transporte limpo, menos poluente.

No dia 01 de outubro, a coordenação do projeto, formada por uma comissão, se reu-

niu novamente na Secretaria de Mobilidade Pública, na sede da Prefeitura, para discutir a elaboração de um novo edital, uma vez que o último redigido em abril não atraiu propostas de empresários para financiar o projeto. Segundo o presidente da comissão e Coordenador da Central de Inteligência de Trânsito Giovanni Reis, a modificação da Lei complementar nº 078/2001, que não permite publicidade em bicicletas, poderá ajudar a dar andamento ao projeto. "Na atual situação de crise, nenhuma empresa vai querer arcar com um projeto desses sem um retorno", diz o coordenador.

No último edital emitido em abril, outra modificação já havia sido feita. As ciclovias que antes seriam financiadas por empresários, agora passam a ser responsabilidade da própria Prefeitura. Com as novas modificações, o prazo de novembro, garantido pelo Secretário Municipal de Mobilidade Urbana Vinícius Coffferri, também será alterado, assim como o número de estações de aluguel.

(HOJE!!) O rolê vai acabar mais cedo

Público

Z

Zero convidou você

Comparecerá

Não sei

Não posso ir

Das 22h às 4h

2h

Centro de Florianópolis

Exibir mapa



Valmoir, Amanda e outros 6 amigos compareceram

Polícia Civil determinou que casas noturnas no Centro da Capital fechem às 2h da madrugada

Treze, Rua Padre Roma, Blues Velvet Bar, Rua Pedro Ivo, 1007 Boite Chik, Alameda Adolfo Konder. Todas essas casas noturnas ficam no Centro da Capital catarinense e desde o dia 25 de setembro tiveram o horário de funcionamento reduzido em duas horas. A determinação foi feita pela Gerência Estadual de Fiscalização de Jogos e Diversões Públicas. O motivo: perturbação sonora. Além do barulho, os moradores dos prédios próximos às baladas também reclamam do acúmulo de garrafas de bebida deixadas pelos frequentadores.

“A noite é um organismo vivo, um ponto de encontros, de criação e vivência de cultura. A noite traz vida para a cidade, fomenta a movimentação no Centro, diminui a violência, gera empregos e oferece opções de entretenimento democráticas para os jovens”. Esse é um trecho do abaixo-assinado “Salve a noite, salve o Centro” criado no dia 30 de setembro que pede a volta do antigo horário de funcionamento das casas. Os apoiadores acreditam que a medida enfraquece a vida noturna do Centro de Florianópolis. Dois dias foram o suficiente para 2500 pessoas assinarem a petição online.

No sábado, dia 3/10, a casa 1007 conseguiu reverter o horário de funcionamento e seus eventos voltaram a durar até 4 horas da manhã. O Treze, desde dia 09/10, também voltou para as 4 horas.

O que levou a delegada Michele Al-

ves Corrêa a tomar a medida de redução do tempo das festas foram os números de reclamações recebidas. Em sua sala, no prédio da Delegacia Geral da Polícia Civil, toda a documentação das casas noturnas se junta com as provas utilizadas nas denúncias. São CDs, fotos e pen drives utilizados pelos moradores para comprovarem as queixas. Sem a utilização de provas, as denúncias não podem ser aceitas para evitar conflitos de interesses.

Hoje, a fiscalização é feita pela delegada e mais três policiais. Até o momento, a Gerência de Fiscalização de Jogos e Diversões não havia recebido denúncias de outras casas no Centro da cidade. A redução não é definitiva e funciona como uma forma de diminuir o problema até que as casas apresentem medidas para reverter a situação.

“Não é uma decisão que seja definitiva, só o que eu quero, é que eles [casas noturnas] me apresentem al-

gumas soluções. Tem fotos que mostram lixo e garrafas nas calçadas e portas dos edifícios. Então, vamos ponderar, colocar numa balança. Reduzir até as duas horas, significa que até as 3h terá barulho”.

Há dois anos, o síndico e eletricitário, Jeferson Luiz Danielski mora no sexto andar de um edifício em frente ao 1007. Descreve o barulho como insuportável. “De quinta-feira a domingo ninguém consegue dormir. Eu tive que colocar uma janela acústica na tentativa de diminuir o barulho dos gritos e do som dos carros”. Perguntado sobre a redução do horário, o síndico acredita que a medida ajuda, mas o ideal seria a mudança da casa noturna para um outro local.

Morador há 17 anos no mesmo prédio, o ex-vereador Ricardo Barattieri, é contra a medida porque não é uma medida uniforme: atinge apenas algumas casas. “Essa é uma medida discriminatória ou de autopromoção,

porque o barulho não me incomoda, existe uma necessidade de haver vida noturna no Centro”.

Jornalista e Dj, Fábio Bianchini acredita que as consequências dessa medida esbarram na questão da liberdade pessoal. Relembra o caso de alguns anos atrás, quando houve

“A noite é um organismo vivo, um ponto de criação e vivência de cultura.”

restrições no funcionamento de casas noturnas no bairro da Lagoa da Conceição. “As baladas servem como uma ocupação do espaço urbano. Com essas medidas, a Lagoa perdeu algumas características da noite que possuía”.

Como a maioria dos frequentado-

res dessas casas são jovens, o novo horário de funcionamento não coincide com a rotina levada pelo público. Isso é o que diz o produtor de festas e Dj, Adilson Boing. “O pessoal que frequenta essas baladas são mais jovens. São acostumados a sair mais tarde e eu não acredito que eles irão abrir mão disso. Muita gente estuda à noite, inclusive. Então saem da aula 22h, 22:30h e até passar em casa e se arrumar já é meia noite, e tem só mais duas horas de festa.”

Os vizinhos do 1007 e do Treze estão separados por 300 metros, mas as reclamações de alguns moradores são bem próximas. O síndico de um dos prédios próximos ao Treze, Edyson Ayres de Liz, reforça que o problema não é a música que toca dentro da festa, e sim o barulho feito pelos frequentadores do lado de fora das baladas. “A boate em si, o barulho interno, não traz prejuízo. O problema é a parte externa. É muito barulho, som de carros, gritaria, bem fora do comum mesmo”.

Até o fechamento desta edição a casa noturna 1007 informou que regularizou a situação e agora trabalha com o horário de funcionamento até as 4 horas da manhã. O Treze instalou lixeiras do lado de fora e pretende contratar um funcionário para recolher o lixo e organizar o número de clientes na entrada da casa. Também continuará fazendo o trabalho de conscientização do público durante as festas.

O Blues Velvet assinou em 2013 um termo de ajustamento de conduta do Ministério Público de Santa Catarina se comprometendo a fechar às duas horas e está tomando as medidas necessárias para voltar ao horário normal de funcionamento, que se estendia entre 3h e 4h da manhã.



Delegada solicita que os estabelecimentos apresentem soluções para diminuir as reclamações dos moradores

Dener Alano
deneralano@gmail.com
Amanda Reinert
amanda.reinert94@gmail.com



Uma lista de promessas prestes a expirar

Em entrevista exclusiva para o **ZERO**, prefeito faz balanço da gestão após três anos de seu segundo mandato

Prestes a completar três anos a frente da Prefeitura Municipal de Florianópolis, Cesar Souza Júnior enfrenta o desafio de pôr em prática as promessas de campanha realizadas em 2012 nos programas eleitorais, debates e no Plano de Governo apresentado ao TRE-SC pela coligação "Por Uma Cidade Mais Humana" (PP / PSC / DEM / PSDC / PSB / PSDB / PSD). De modo geral, a principal bandeira do então candidato era a de reorganizar o crescimento de Florianópolis, através de um novo plano diretor, de modo a manter a qualidade de vida dos moradores, oferecendo serviços públicos de qualidade, tornando a cidade mais inclusiva e sustentável. A Lei Complementar Nº 482, de 17 de janeiro de 2014 instituiu o Plano Diretor do Município e, polêmicas a parte quanto ao seu conteúdo, esta foi uma das principais promessas cumpridas pela atual gestão. César Souza Junior terá pouco mais de um ano para humanizar a Capital catarinense e por em prática as promessas que ainda aparecem apenas nos vídeos do *YouTube*.

Luiz Gabriel Braun

luizbran08@gmail.com

Sandy Costa

sandycossta@gmail.com

Simone Feldmann

simone.feldmann@gmail.com

Valmor Neto

valmorneto88@gmail.com

HISTÓRICO

Cesar Souza Junior (PSD)
36 anos, florianopolitano,
advogado, comunicador e
prefeito de Florianópolis

A carreira política de Cesar Souza Junior começou quando tinha apenas 27 anos e se elegeu deputado estadual pelo DEM, em 2006. A vitória veio muito graças ao apoio do pai, Cesar Souza, um popular comunicador de televisão e rádio, que já havia sido deputado estadual quatro vezes e que, atualmente, é deputado federal pela segunda vez. Para ganhar experiência, disputou as eleições para prefeito de 2008. Terminou em 3º lugar, meio ponto à frente de Angela Albino, do PCdoB. Em 2010, reeleito, assumiu a secretaria de Turismo, Cultura e Esporte, se aproximando de Raimundo Colombo.

Em 2012, disputou as eleições para prefeito pelo PSD, partido criado a partir do DEM. Apesar de uma campanha que focava a mudança, aliou-se às oligarquias para se eleger. Seu vice era o então vereador João Amin (PP), filho do deputado federal Espe-

rião Amin (acusado de danos aos cofres públicos e improbidade administrativa pelo Tribunal de Justiça de Santa Catarina) e da ex-deputada e ex-prefeita Angela Amin (PP). Também buscou apoio do secretário de Desenvolvimento Econômico, Paulo Bornhausen (PSD), e de seu pai, o ex-senador Jorge Bornhausen.

Ao seu redor, também estavam nomes como governador Raimundo Colombo (que queria impedir a eleição do sucessor de Dário Berger, enfraquecendo o PMDB na disputa para governador em 2014), o deputado estadual e atual presidente do PSD Gelson Merisio (de quem é amigo desde que se elegeram para a Assembleia, em 2006) e o conselheiro do Tribunal de Contas Julio Garcia. Até o Romário caminhou com ele pela cidade.

Cesar Junior acabaria reencontrando Angela Albino, a principal candidata da esquerda, munida de um

discurso pouco agressivo, visando o eleitor de centro. Graças aos ataques da campanha do peessedista - que acabaria com um déficit de R\$ 476 mil - e aos surpreendentes 14% que o candidato do PSOL Elson Pereira recebeu, Angela acabou de fora do segundo turno por 2%, dando lugar a Gean Loureiro (PMDB), candidato apoiado por Dário Berger - o prefeito desde 2005. Nas primeiras pesquisas, César Júnior aparecia atrás de Gean, mas no final foi eleito por 52,64% dos votos válidos.

A um ano das eleições e após um novo fôlego pela reinauguração do Mercado Público, Cesar Junior começa a projetar 2016, visando retomar a parceria com o PP (quem sabe com Angela Amin no lugar do filho, que foi eleito deputado estadual no ano passado) e, talvez, o apoio de Angela Albino, atual secretária de Assistência Social do governador Raimundo Colombo.



EDUCAÇÃO:

Implementação da educação pública integral.

São atendidos 4.369 dos 29.895 alunos da Rede Municipal de Ensino.

Criação de programas permanentes de ocupação do tempo da juventude de baixa renda, como o esporte ou acesso a recursos tecnológicos.

Ano que vem, a Passarela do Samba Nego Quirido vai receber crianças de 11 a 14 anos, da rede municipal de ensino, para atividades no contraturno. Num primeiro momento, serão 600 alunos, podendo chegar a 1.200 no segundo semestre. Um centro com o mesmo propósito será feito no Sapiens Park, em Canasvieiras. As duas obras têm financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Zerar as filas para vagas em creches, construindo novas unidades e fazendo parcerias.

Foram criadas 1.800 novas vagas, mas a fila de espera na educação infantil é de 1.500 crianças. Há previsão de novas construções para ampliar o atendimento.

Fazer contratos com clubes e outros espaços de diversas naturezas para uso em atividades extracurriculares, principalmente ao longo do dia de semana.

Há o programa (realizado desde 2002) Campeões da Vida, composto por ações educacionais e esportivas realizadas nas escolas Herondina Medeiros Zeferino, nos Ingleses, e Virgílio dos Reis Várzea, em Canasvieiras.

Manter as creches abertas durante o verão.

O programa Creche no Verão atendeu 1.782 crianças e ocorreu em 20 Creches em janeiro de 2015.

Dados da revista escola pública, edição de janeiro desse ano: A Secretária de Educação assinou um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) com o Ministério Público de Santa Catarina, pelo qual se compromete a criar 1.760 vagas na educação infantil até 2020. Para atingir essa meta, entre outras estratégias a prefeitura conseguiu um empréstimo de mais de R\$ 58 milhões junto ao BID - recursos que serão aplicados na construção de 27 novas creches, na modernização de escolas e capacitação de professores.

MEIO AMBIENTE:

Uso de sistema eletrônico de monitoramento, via satélite, da ocupação das áreas da cidade para facilitar a ação da fiscalização, de modo a impedir a destruição de áreas importantes para a cidade.

Não há sistema eletrônico. O monitoramento é feito pela fiscalização, que percorre cada localidade da Ilha. Quando necessário, é utilizada uma aeronave para sobre voar.

Criação do Fundo Municipal do Meio Ambiente, com recursos do orçamento, contribuições e subvenções, patrocínios, convênios, contratos ligados ao tema, acordos nacionais e internacionais, impostos e multas derivados da atuação dos instrumentos da política ambiental.

O fundo existe e a arrecadação se dá através de multas, solicitações de licenciamento, autorizações de uso de fonte sonora.

SAÚDE:

Contratar mais especialistas

De acordo com o relatório anual de gestão, em dezembro de 2012 haviam 2.427 profissionais ligados à Secretaria Municipal de Saúde de Florianópolis. Ao fim de 2014, este número havia subido para 2.660 funcionários. A Prefeitura também tem aberto edital para a contratação de novos profissionais.

O SIMESC alega que as contratações realizadas são apenas para reposição de pessoal. Renato Figueiredo também pontua que a Prefeitura tem contratado o serviço de clínicas particulares para reduzir as filas de exames e consultas, entretanto isso dificulta o tratamento prolongado dos pacientes, visto que nem sempre as consultas são realizadas pelo mesmo profissional e o acompanhamento clínico também encontra barreiras nos sistemas utilizados nos órgãos públicos e privados.

Fazer parcerias com clínicas particulares para a realização de exames, visando atender as filas de exames em emergências.

Atualmente 50 instituições entre clínicas e laboratórios possuem contrato com a Secretaria Municipal de Saúde para a prestação de serviço privado conveniado.

TURISMO, CULTURA E ESPORTE:

Forte ação para a recuperação da arquitetura tradicional, como, por exemplo, na área central da cidade - em torno do Mercado Municipal e da Praça XV de Novembro.

Prefeitura lançou no último mês o projeto Centro Sapiens, em parceria com a iniciativa privada (Sapiens Parque) para revitalizar a região oeste do centro histórico, com o objetivo de que a região se torne um polo de economia criativa.

Recuperar as áreas públicas de lazer e convivência e criar praças públicas nos bairros que não possuem áreas de lazer, de modo que todo bairro de Florianópolis tenha a sua praça.

Não são todos os bairros que possuem área de lazer, e, segundo o Presidente do IPUE, Acácio Bernardes, a crise está afetando a negociação com invasores para desapropriação de terras.

Pagar salários melhores para os médicos

Criação da Assessoria em Gestão de Pessoas, para dinamizar e humanizar a relação com seus servidores.

Ocorreu o pagamento das primeiras etapas do PCCV (Plano de Cargos, Carreiras e Vencimentos) e do PCS (Plano de Cargos e Salários), no percentual de 30% conforme a regulamentação das Leis Complementares n.501 e n.503 de 2015, que definem o cronograma de pagamento do PCS e PCCV respectivamente.

Entre as medidas do Plano de Cargos, Carreiras e Salários (PCCS) está a nova tabela de vencimento, com elevação dos pisos, além da adesão de bônus e desenvolvimento funcional - vai atingir 5 mil servidores do quadro civil. Já no PCS, destaca-se para a organização dos empregos de 466 Agentes Comunitários de Saúde e 55 Agentes de Combate às Endemias em carreira.

Contudo, o SIMESC alega que o PCCS propôs incorporar 30% do bônus pago aos médicos ao longo de quatro anos, sendo 9% no primeiro ano, 6% no segundo, 9% no terceiro e 6% no último ano e apenas profissionais que realizam 30 e 40 horas semanais são beneficiados pelo plano. Eles também alegam que como estes valores já eram pagos em forma de gratificação, o aumento se deu apenas por conta do valor das horas trabalhadas.

**TRÂNSITO:**

Revitalização das passagens para pedestres.

Nos últimos 6 meses, a diretoria de operações de trânsito estima que mais de 80 faixas de pedestres foram revitalizadas.

Priorizar a orientação e a fiscalização antecipada ao descumprimento de normas, impedindo que elas ocorram, em substituição à simples aplicação de multas.

A Guarda Municipal adota o princípio da orientação e da educação no trânsito. Mas, claro, em caso de infração, há a autuação.

Instalar sistemas inteligentes de semáforos para regular o melhor fluxo do trânsito.

Desde agosto, licitação está aberta para contratar empresa que colocará sensores no asfalto e câmera nos semáforos e fará a troca de todos os equipamentos. São estimadas a troca de 36 equipamentos controladores de semáforos. O chefe de Departamento de Trânsito, Joel Padilha, atenta que não adianta ter semáforo novo se a central, o servidor que gerencia, não for compatível.

OBRAS:

Criação de faixa exclusiva para ônibus, nas grandes vias da cidade e nas novas obras.

Um trecho que está sendo feito deve ser entregue em dois meses - as chuvas podem atrasar a obra. Em três anos, duas faixas na Beira-Mar Norte estão previstas. A obra inteira não tem previsão e precisa da duplicação da Deputado Antônio Edu Vieira, que só será possível com a UFSC cedendo parte do seu terreno e várias desapropriações.

TECNOLOGIA:

Formar parcerias com a indústria tecnológica da cidade para promover a inclusão digital entre jovens da população mais carente.

Existem projetos como a parceria com o Comitê para a Democratização da Informática (CDI) no Recicl@í, que busca conscientizar a população sobre coleta de lixo eletrônico e o Programa de Inclusão Digital. No projeto MAIS CULTURA, foram disponibilizados equipamentos de informática visando inclusão de jovens e adultos como também para cursos específicos destinados à formação de mão-de-obra especializada.

Criação de um cluster tecnológico como decorrência natural do parque tecnológico.

Hoje, existe a ROTA DA INOVAÇÃO (região que começa começa no aeroporto, passando pela UFSC, UDESC, FIESC, Centro Sapiens, IFSC, Fundação Vidal Ramos, SMC-TDES, Parktec Alpha, Celta, Acate, Centros Empresariais e empresas de tecnologia sediadas ao longo da SC 401 e Sapiens Parque)

Concessão de um "voucher da inovação", premiando os melhores projetos com parceria entre mercado, organizações tecnológicas e academia.

Está nos planos, por meio do Conselho Municipal de Inovação (formado por várias entidades representativas do segmento de CTIC), criar um Prêmio Municipal de Inovação. É possível que a primeira iniciativa seja conhecida na oportunidade da Semana Nacional de Tecnologia, no fim deste mês.

Levantamento de promessas

O primeiro contato com o assessor de imprensa foi feito no dia 25 de setembro. Somente após duas semanas, dois encontros cancelados e 40 minutos de atraso, conseguimos um encontro com César Souza Junior em seu gabinete, numa quinta-feira de céu cinzento. Cercado por fotos da família, uma bela biblioteca e capas estampando a vitória de 2012, estava acompanhado do Secretário de Comunicação João Cavallazzi. Com a desenvoltura característica de comunicador, o prefeito conversou sobre os três anos de mandato e aproveitou para fazer mais promessas para o último ano de gestão.

Z - Até o momento, como o senhor avalia o seu próprio mandato? Que nota daria?

Prefeito Cesar Souza Junior - Bom, foi um mandato que enfrentou questões difíceis que precisava enfrentar, como o Mercado Público, o Plano Diretor, como questões relativas a ocupações irregulares de áreas públicas e que conseguiu dar um rumo melhor à cidade, mas eu ainda não estou satisfeito, ainda tem muitas entregas agora. Para o enfrentamento das questões eu daria uma nota oito. Para entrega, ainda uma nota seis, mas acho que a gente vai equalizar, chegar a uma nota oito para as duas vertentes a partir de 2016 quando uma entrega de uma série de obras for concluída e também as ações que a gente está terminando.

Z - Pode citar algumas dessas obras que vão ser entregues até o ano que vem?

C.S.J - O elevado do Rio Tavares, o Mercado Público do Continente, a UPA (Unidade de Pronto Atendimento) da criança no Norte, a UPA da Criança Sul, tem um programa de repavimentação de mais de 120 novas vias públicas pela cidade, o elevado de Canasvieiras... Então é um volume bastante grande de obras aí em todos os bairros da cidade. A Casa de Câmara e Cadeia que vai ser o museu da cidade, prédio público mais antigo da cidade que está sendo revitalizado, obras aí no Maciço do Morro da Cruz, a Ponta do Leal no Continente - que era uma demanda muito antiga -, a entrega agora que vai acontecer de obras importantes na região do João Paulo... Então tem muita coisa boa para vir aí, muita entrega da prefeitura.

Z - Uma das promessas era uma Maratona Cultural maior, feita na propaganda eleitoral do dia 31 de agosto de 2012, mas esse ano não houve a edição e no site está apenas escrita que ocorrerá nesse segundo semestre, mas sem outras informações ainda. Nós teremos o evento?

C.S.J - Olha, na verdade é uma questão com a entidade, com quem a gente

está trabalhando, mas fizemos uma série de outras ações na cultura muito espalhadas pela cidade. A gente tem aí o território das artes que está espalhado por toda a cidade, que é uma maratona cultural permanente, espalhada pela cidade inteira. Então dá pra dizer que sim, temos tido muitas maratonas culturais espalhadas pela cidade.

Z - O senhor falou dessa maratona cultural permanente pela cidade, mas o Fundo Municipal de Incentivo à Cultura não foi repassado em 2013 e em 2014 ocorreu parcialmente. O que está sendo feito para regularizar a situação? É um dinheiro que está sendo repassado para outros setores considerados mais importantes, como a Saúde e Educação, já que foi esse o motivo do corte no Turismo (Reveillon e Carnaval tiveram uma redução de 60% no recursos)?

C.S.J - Não, o fundo municipal na realidade, como toda prefeitura, houve um contingenciamento orçamentário em todo o Brasil, a gente contingenciou no Fundo Municipal de Cultura, mas os projetos ativos estão caminhando bem. Temos a Escola Livre de Música, que é um grande ganho para a cidade, está lá com mais de 300 alunos atualmente, funcionando muito bem e um contingenciamento da cultura não é mais ou menos severo que em qualquer outra área, a gente teve que adequar o orçamento à queda de arrecadação, que foi em toda a prefeitura.

Z - Na metade do ano passado, o Ministério Público determinou que, até dezembro, as filas das creches fossem zeradas. A Secretaria de Educação assinou um termo no começo do ano que pretende criar 1760 novas vagas até 2020 e até um 58 milhões de reais junto ao BID foi feito. Com essa nova verba, vai ser possível cumprir de zerar as filas até o final de mandato, o que era uma promessa de campanha?

C.S.J - Vai ser possível atingir o compromisso que a gente fez, que foi o de criar 4000 novas vagas. Zerar de maneira absoluta a falta de vaga em creches é muito difícil pela questão que você tem que prever uma obra nova antes que a demanda de vaga exista.

Z - Você viu o constrangimento quanto ao cartão em comemoração ao Dia da Secretária que a Secretaria de Educação repassou? Você acha que essa atitude machista poderia ter sido evitada se na escola eles tivessem tido aulas de gênero, um assunto que você disse que o Estado não deveria se intrometer por ter outros temas mais importantes?

C.S.J - Acho que a questão do cartão

foi uma infelicidade de uma servidora, inclusive foi uma mulher que fez. Uma coisa absolutamente pontual, que eu acho que ela própria deve estar arrependida do que fez e não creio que isso tenha nenhuma relação com outros fatores.

Z - Por que não foi criada a clínica de recuperação para dependentes químicos?

C.S.J - Ela está quase pronta, ela vai funcionar junto à UPA continental e deve ter suas portas abertas aí até o final do ano e propiciar internação para a dependência química. São cerca de 20 leitos de internação com tratamento referenciado.

Z - Na terça-feira, a entrevista foi cancelada por um problema com o Sintraturb (funcionários ameaçaram parar por atraso de pagamento)?

C.S.J - Não, não foi do Sintraturb não, foi só uma confusão aí que a gente teve, eu estava viajando. De fato, houve um probleminha, um boato de que não haveria liberação, o pagamento em dia, mas absolutamente infundado, foi tudo pago em dia e o sistema não corre nenhum risco. É a central de boatos aí que funciona a todo vapor (rindo). Mas não há nenhum problema nesse sentido.

Z - Mas o possível não pagamento é uma questão do consórcio Fênix, não é ruim ou perigoso o fato de que o transporte público está refém de uma entidade privada?

C.S.J - É uma empresa, né? No Brasil inteiro, o sistema de transporte público é por meio de concessão. Certamente, se houvesse uma paralisação seria uma grave infração que a gente ia atacar fortemente por via administrativa. Esse ano não tivemos paralisação no transporte, foi uma coisa única na história recente da cidade, nós tivemos uma diminuição para mais da metade do que havia de paralisações antes.

Z - No começo do ano, apesar do Presidente do PMDB Gean Loureiro ter prometido punição, o vereador Deglaber Goulart assumiu a Secretaria do Continente, sob o aval de Dário Berger. Eu entendo que você pretende continuar a parceria com o PP, mas está acontecendo uma aproximação entre PMDB e PSD nem que não seja visando as próximas eleições para prefeito?

C.S.J - Olha, o PMDB tem usado governabilidade, tem sido um bom parceiro. Deglaber tem feito um trabalho reconhecidamente bom no continente e tem sido um grande parceiro da nossa gestão, nos ajudando bastante. Então, são quatro vereadores do partido. Eles têm dado respaldo à prefeitura e eu só tenho a agradecer, o que vai acontecer em 2016 aí é prematuro para falar, mas eu tenho muitos amigos dentro do PMDB em Florianópolis.

Opinião dos eleitores

Saúde

Para a vendedora Cláudia Cardoso, a saúde em Florianópolis está muito ruim. Ela afirma que o posto do Monte Serrat, bairro onde mora, foi reformado mas "faltam médicos e a fila de exames e consultas continua muito grande". Cláudia pontua que não viu muita diferença entre a gestão atual e a anterior. **Nota: 5**

Turismo

Há 10 anos morando em Florianópolis, Domingos Galiotto, turismólogo do SEBRAE, defende que falta visão profissional na gestão do turismo. Para ele é imprescindível desenvolver o turismo para a população local e assim atrair os turistas. Acrescenta: "enquanto a área sofre com a falta de estrutura, gasta-se milhões com a Ponte Hercílio Luz". **Nota: 5**

Assistência Social

Os moradores em situação de rua de Florianópolis contavam com os abrigos para refeições, higiene e pernoite, principalmente no inverno. A Prefeitura alega ter criado os abrigos prometidos, porém Elena dos Santos, moradora em situação de rua, afirma que há muitas restrições para quem procura o serviço e o atendimento nem sempre é amigável. Ela destaca ainda que o tratamento dos guardas municipais em relação às pessoas nestas condições é desumano, pois, aqueles que dormem nas praças e terminais geralmente "são acordados a pontapé". **Nota: 2**

Educação

Com dois irmãos estudando na rede municipal de ensino, a cantora e promotora Leonora Silva é moradora do bairro Rio Vermelho e afirma que a educação pública municipal piorou nos últimos anos. "Quem não tem contatos encontra dificuldades para matricular as crianças". Ela pontua ainda que a segurança das escolas é um dos principais problemas. **Nota: 6**

Melo Ambiente

Preocupado com as áreas de risco que abrigam milhares de famílias na Capital catarinense, Alex Ramires, estudante de geologia, afirma que não tem conhecimento ações preventivas da Prefeitura para evitar catástrofes ambientais. Ele também destaca que se a gestão atual tem feito algo na área do meio ambiente, além do Plano Diretor, falta divulgar para a população. **Nota: 5**

Obras

Zunino é morador da Beira-Mar e, bem humorado, brinca dizendo que não é rico. Ele é enfático ao afirmar que o principal problema é o gerenciamento de trânsito. "Algumas obras que foram feitas, ao invés de ajudar, pioraram a situação". O bancário também critica a demora para a conclusão das obras. **Nota: 4**

Trânsito

Trabalhando como cobrador de ônibus na Capital catarinense, Márcio Luiz da Silva conhece bem os problemas da mobilidade urbana da cidade e diz que o trânsito de Florianópolis está cada dia pior. Ele considera que as prometidas faixas exclusivas para ônibus não reduzirão os congestionamentos e "são apenas para bonito". **Nota: 4**

Swing

Casas de swing fazem a cabeça

Espaços de *glory hole*, cabines de voyeurismo e *dark room*

As paredes vermelhas da recepção eletrizavam quem chegava. Sem precisar apresentar seus documentos de identificação, pelo menos os primeiros clientes daquela noite não tiveram grandes dificuldades para entrar no local. Cada casal ou moça solteira pegava sua respectiva comanda, como em qualquer boate tradicional e entrava. Joana*, uma simpática moça de cabelos escuros e pele bronzeada, prontamente recebia cada visitante com um beijo no rosto, e, logo em seguida, levava-os para conhecer os ambientes da casa. Descendo as escadas, logo se chegava às portas pretas do primeiro andar que davam acesso à pista de dança. Lá dentro, um ambiente com iluminação escura, típica de boates, com apenas alguns feixes de luz coloridos.

As mesas, quadradas e pretas, estavam próximas aos sofás na parede. Os móveis pareciam estar estrategicamente posicionados para que todos conseguissem enxergar a barra de *pole dance* instalada no palco vermelho central do salão. A batida da música ia acelerando conforme os demais

estabelecimentos muito procurados pelos adeptos da prática, a capital catarinense continua atraindo muitos clientes, principalmente vindos do Sul do estado e do Rio Grande do Sul. "O público

Sobre o preconceito que sofre quem pratica ou frequenta o estabelecimento, Jorge* é enfático: "É tudo hipocrisia, quem é que não trepa?"

é frequente, mas como Florianópolis é uma cidade turística, a gente recebe muito turista que só vem uma vez por ano. Mas o público é realmente bem fiel", comenta. Além do Affinitá Club, só existe mais uma única casa de swing na grande Florianópolis: o MyWay Club, que também é propriedade de Vieira. Para ele, que já trabalhou como jornalista, motorista de caminhão de lixo e até chofer do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso em uma visita à Capital, o mercado do sexo lhe pareceu uma opção muito mais lucrativa. "Conseguimos ter, em média, uma rentabilidade de 20% em cima de um faturamento bruto, com um valor girando em torno de 100 mil reais", revela.

A casa é dividida em dois andares. No primeiro, encontra-se um ambiente muito parecido com o das boates tradicionais - não à toa toda a documentação exigida para a regulamentação desses estabelecimentos é a mesma que a de qualquer outra casa noturna. Mas a real diferença está um andar acima. Depois de subir dois lances de escadas, qualquer cliente tem livre acesso a uma variedade de quartos temáticos, espaços de *glory hole* - cubículos com buracos nas paredes para que pessoas em ambos os lados possam se tocar sem se ver, cabines de voyeurismo - uma das paredes do quarto funciona como janela e permite que os visitantes possam ver tudo o que acontece lá dentro em um outro espaço, que também possui cama e pode ser observado por quem passa no corredor - e até um *dark room* personalizado - um quarto totalmente escuro, com paredes e janelas revestidas em um material preto para dificultar a entrada de luz. Além disso, todos os ambientes contam com embalagens de lenços umedecidos, álcool em gel e papeleiras com toalhas de papel para incentivar a higiene do local. Garotas como Joana se encarregavam de apresentar estes ambientes para os novos clien-

clientes chegavam. Após um breve "boa noite" do dono da casa, Joana reaparece - mas desta vez sem sua blusa, dançando e convidando as outras mulheres para se juntarem a ela na pista. E assim começou mais uma noite de festas na primeira casa de swing da Grande Florianópolis.

O Affinitá Club, localizado em São José, é o mais antigo estabelecimento comercial dedicado à prática da troca de casais na região. Atendendo cerca de 100 casais por noite, a casa funciona duas vezes por semana, frequência que pode ser triplicada durante o verão. A variedade de público se dá mais pela faixa etária dos frequentadores, que varia entre 20 e 40 anos, do que pelo seu poder aquisitivo. Para entrar na casa, o casal paga entre 100 e 120 reais, dependendo da noite, e recebe 30 reais em consumação - uma garrafa pequena de cerveja custa 10 reais e a de água sai por 6. Já as solteiras não precisam pagar a entrada, apenas o que consumirem. Eduardo Vieira, proprietário da casa, explica que apesar da proximidade com Balneário Camboriú, cidade com dez

A casa funciona duas vezes por semana atendendo cerca de 100 casais por noite na baixa temporada. Na temporada de verão esse número triplica

tes, além, é claro, de explicar todo o código de conduta que rege a casa. E é justamente esse conjunto de regras que faz Carlos*, médico carioca de 38 anos, frequentar as casas de swing com sua



Ilustração: Matheus Falding

de quem curte música e sexo sem vergonha

atizam a curiosidade e vontade dos visitantes, que já na pista de dança perdem o pudor



Foto: Ana Carolina Fernandes/Zero



Foto: Divulgação

As duas casas de swing da região da Grande Florianópolis são geridas pelo mesmo dono

esposa mesmo sem nunca ter praticado o ato. "É um grande erro achar que todo mundo que está aqui pratica. A gente vem mais

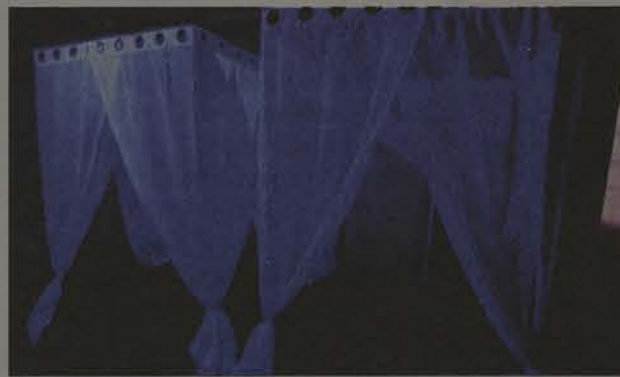
para curtir a pista de dança, a balada, o ambiente permissivo e a tranquilidade", explica. Casado há quatro anos, ele garante que aquele é um dos únicos lugares que se sente seguro para sair com a esposa. "Nas outras baladas, mesmo andando com ela de mão dada, sempre tem um cara chegando, olhando para os peitos dela, chegando nela pelas minhas costas. Aqui isso não acontece. Tem uma ética aqui dentro". Sobre o preconceito que ainda assombra as casas de swing, é enfático: "tudo hipocrisia. Quem é que não trepa?".

No decorrer da festa, algumas cenas chamavam bastante a atenção dos visitantes de primeira viagem. Joana, que dança apenas de sutiã e calcinha, continuava atraindo a atenção de todos os homens e mulheres da festa. Uma cliente, provavelmente cansada de ficar na plateia,

começou a acompanhar no *pole dance*, também tirando o vestido e ficando apenas com a roupa íntima. Outra mulher logo decidiu se juntar ao grupo, sendo recompensada com carícias que mais pareciam agradar o público do que ela. Ainda, em um dos cantos do

salão, era possível observar uma mulher com o vestido abaixado até a cintura e os seios de fora, recebendo carinhos do seu acompanhante por baixo da saia. Uma situação um tanto desconfortável para quem nunca havia frequentado uma balada liberal. Mas para Sofia Raquel, funcionária do Affinitá Club desde sua inauguração em 2010, este era um cenário comum. Mãe de um rapaz de 22 anos e de uma menina de 11, a funcionária reconhece que, apesar de não ser adepta do swing, o estabelecimento é onde os fe-

"Ninguém sabe que eu pratico. De todos os meus amigos, contei para dois. Não porque é ruim, mas porque as pessoas têm uma ideia errada"



tiches de muitos casais se tornam possíveis. "Eu sempre trabalhei com o swing aqui e isso acabou se tornando uma coisa profissional. Eu não sinto desejo. Já vi pinto de tudo quanto é tamanho, mas é muito banal, tão mecânico que eu nem sinto vontade". Segundo a funcionária, para trabalhar em uma casa de swing

é melhor não estar envolvido com os casais. "Tu te tornas um deles e perde um pouco o respeito, a autonomia. A gente dança, dá selinho e brinca. Eles pegam a gente no colo, mas é com um respeito tão grande que não tem maldade".

Joana e Caetano* estão casados há oito anos e começaram a frequentar a casa no início de 2015. A ideia de conhecer a casa foi dele. Joana resistiu um pouco no início, mas logo mudou de ideia. Nas primeiras vezes, apenas dançaram e ficaram no andar de baixo. Com o tempo, fizeram amizade com os outros clientes, se acostumaram com o ambiente e acabaram praticando. O que antes era uma curiosidade, acabou se tornando um vício para ambos. "Minha expectativa era só sexo, mas não é só sexo. É amizade extrema, companheirismo, é família", ele conta.

Também relembra quando sofreu um acidente de carro assim que entrou para o meio e ninguém de seu círculo familiar foi visitá-lo no hospital, apenas alguns casais de amigos que conheceu na casa de swing. Sobre seu relacionamento com a esposa, Caetano acredita que esteja muito melhor do que antes. Segundo ele, é normal sentir ciúmes em algumas situações, mas o casal precisa estar preparado para esses momentos: "Tu já tem que saber que ela te ama independente de qualquer coisa". Para curtir a festa no final de semana, o casal deixa o filho de um ano e oito meses com o pai de Caetano, que é pastor evangélico. "Ninguém sabe que eu pratico. Para o meu pai seria o fim do mundo. Nunca vai saber. De todos os meus amigos, eu contei para dois. Não porque é ruim, mas porque as pessoas têm uma ideia errada".

**Os nomes utilizados na matéria foram alterados para preservar a identidade dos entrevistados.*

Marina Simões
marinasimoes31@gmail.com
Matheus Faisting
mfaisting@gmail.com

Enxergar além dos rótulos sex

Novos termos surgiram para ocupar um significado de identid

Sexualidade e gênero são dois marcadores sociais muito poderosos. É através das roupas e do modo de agir e de falar que nos definimos na sociedade. Até pouco tempo atrás, ou era homem, ou era mulher. Simples. A questão é que, com o passar do tempo, as pessoas começaram a não se sentir mais representadas por essa “nomenclatura”. Se a necessidade de encontrar um “rótulo” existe, a condição mínima é que haja outras opções. Não tem regra, nem manual. Cada “caixinha” tem suas peculiaridades e você entra onde melhor se encaixar.

Conceitos como a homossexualidade, transgênero, binaristas e tantos outros se fazem cada vez mais presentes no cotidiano, mas ainda se tem pouco conhecimento sobre seus significados. O aumento da visibilidade das diferentes identidades de gênero e orientações sexuais na mídia é acompanhado pela falta de informação sobre o tema — e é justamente essa falta de informação que, muitas vezes, alimenta o preconceito.

Voltado para discussões sobre gênero e minorias, o coletivo Migre surgiu na UFSC, no início deste ano, como um grupo de estudos de graduandos do curso de Relações Internacionais.

O objetivo do coletivo é trazer à tona o debate dentro da universidade e, para isso, realiza encontros quinzenais com rodas de conversa abertas ao público.

Para comemorar o Dia da Visibilidade Bissexual, que acontece no dia 23 de setembro, o Migre realizou um encontro temático que, por tratar de (in)visibilidade, também abrangeu a panssexualidade. Para muitos, o termo é desconhecido e carrega em sua construção linguística o peso do significado: o prefixo “pan” vem de uma palavra grega que significa “tudo”, o que acaba levando as pessoas a acreditarem que panssexuais sentem atração por absolutamente tudo. Se você pensou em árvores ou animais, esqueceu que o termo panssexualidade foi criado dentro do contexto de atração sexual entre pessoas. Logo, os panssexuais sentem-se atraídos por pessoas de qualquer identidade de gênero.

Mas não se assuste: este é um conceito relativamente recente. Até o século XIX, a sexualidade humana não era categorizada como é hoje — não existiam heterossexuais, homossexuais, bissexuais... Existia apenas o sexo, e as relações que hoje chamamos “homoeróticas”, mesmo não sendo categorizadas como tais, eram práticas comuns em sociedades como a Grécia Antiga. A relação sexual entre um cidadão (homem da elite, que podia votar, tinha uma família constituída) e um jovem — seu aprendiz — era a relação mais importante para a trans-

missão do conhecimento.

Hoje em dia, as coisas não são tão simples. Novos termos surgiram para definir quem somos e de quem gostamos. O problema é que as pessoas não nascem numa caixinha e encontrar algo que, de certa forma, “defina” sua sexualidade não é uma tarefa fácil. A estudante de Economia, Helena Dalto, conta que recentemente teve uma crise existencial em que se questionou muito sobre sua identidade, pois sempre foi considerada muito “masculina” por gostar de jogar futebol, andar de skate e ter muitos amigos homens. Helena prefere não se classificar como hétero, nem como bissexual: “Não gosto da ideia de me rotular nesse sentido”.

Identificar-se com alguma sexualidade específica pode não ser uma necessidade para todas as pessoas, mas, para outras, é uma luta política. Pedro Magrini, pós-doutorando em Antropologia Social, explica que a necessidade de uma identidade de gênero pode ser tanto psicológica como política, e muitas vezes vem da pressão da sociedade para que o indivíduo se defina como parte de um grupo: “Sempre existe uma pressão para que você tenha uma identidade. Quando nomeamos isso, a luta política fica mais fácil, você agrega coletivamente os grupos.”

A identificação como parte de um grupo, de um movimento social, ajuda na luta política pelos direitos do indivíduo. E essa luta tem transformado a sociedade. Antigamente o homossexualismo era considerado doença, de acordo com discursos médicos. Apesar desse conceito estar mudando, agora o transsexual é visto como uma anomalia biológica que precisa de cura. “Todos esses movimentos sociais, que são muitas vezes recentes, vêm conseguindo vitórias fortes. Por exemplo, a homossexualidade já não é mais vista como uma doença, não porque os médicos chegaram à conclusão, mas porque houve uma predição social poderosíssima frente a isso. De fato, esses movimentos conquistaram muita coisa, e hoje se tem uma abertura e uma visibilização muito maior dessas identidades”, acrescenta Magrini.

Aléxia Flach é mulher cisgênero panssexual, ou seja, nasceu mulher, se identifica com costumes e práticas consideradas femininas (modo de vestir e aparência, por exemplo), e sente atração sexual por pessoas de todos os gêneros. Mas nem sem-

“Eu me encaixava, mas tive medo de me tornar ainda mais invisível. Pelo menos o “B” está lá na sigla [LGBT]”

pre foi assim. Desde os 13 anos, tinha dúvidas sobre sua atração sexual, e foi aos 17 que ela se assumiu como “bi”. A autoaceitação foi muito mais difícil que a aceitação dos pais e apesar de estar convicta sobre sua sexualidade, Aléxia ainda não se sentia totalmente representada pelo termo. Foi então que uma nova palavra chegou ao seu conhecimento. A estudante de Relações Internacionais e integrante do Coletivo Migre conheceu a panssexualidade através de um vídeo na internet. “Eu vi que eu me encaixava melhor nesse conceito, mas eu tinha medo de me tornar mais invisível ainda do que já era sendo bissexual. Pelo menos o “B” está lá na sigla [LGBT]”.

Maria Júlia Castro deu voz à bissexualidade no encontro realizado pelo Migre e trouxe à discussão o conceito de binarismo, que limita identidades de gênero e orientação sexual entre masculino e feminino. Um exemplo claro é a ideia de que bissexuais sentem atração por homens ou mulheres, e ponto. Maria Júlia explica que, em sua concepção, bissexuais sentem



uaais combate o preconceito

ade oferecendo às pessoas um sentimento de auto aceitação

atração por ambos os gêneros. Isso quer dizer que homens e mulheres trans também podem atrair os “bi”.

Se pensarmos nos conceitos levados ao pé da letra, a orientação de Maria Júlia seria polissexual, já que não se atém ao binarismo. Mas, para a estudante de 21 anos, o conceito de bissexualidade é muito mais amplo e combate a transfobia quando também inclui transgênero como termo comum de identidade de gênero. Ou seja, automaticamente inclusos no conceito “homem/mulher”.

Mas não são só as definições que confundem e assentam o preconceito. Quando o assunto é sexualidade, até mesmo o caráter do indivíduo é questionado. William Carvalho tem 25 anos, homem cisgênero panssexual, namora com uma menina

hêtero há quatro anos. Apesar de sua relação ser vista como “normal” por obedecer os padrões heteronormativos (homem e mulher), uma das formas de discriminação que ele enfrenta é a associação da panssexualidade com a promiscuidade e a infidelidade. Aléxia confirma a constatação: “Quando a pessoa não é mono-sexual, acha-se que ela não tem preferências sexuais. Assim como o hêtero escolhe a pessoa pela personalidade, os panssexuais também”.

No mundo atual, é necessário falar sobre as diferentes sexualidades. A discussão sobre o assunto está presente na sociedade, nas escolas, universidades, locais de trabalho e dentro de casa. É cada vez mais comum que as pessoas não tenham vergonha ou medo de expor suas identificações de gênero e orientações sexuais. Afinal, elas não deveriam se constranger por serem elas mesmas. A desinformação ou ignorância sobre o assunto não farão com que a diversidade deixe de existir. “Nós não somos a ‘Sininho’. Se você disser que não acredita, nós não vamos sumir”, explica Aléxia Flach.

Escala Kinsey

Em 1948, o entomologista e zoólogo americano Alfred Kinsey e seus colegas desenvolveram um estudo sobre a sexualidade masculina (*Sexual Behavior in the Human Male*, ou “Comportamento sexual do homem”), hoje conhecido como “Relatório Kinsey”. Embora fosse um especialista em insetos, Kinsey estudou e fez pesquisas sobre a sexualidade humana e, com o bestseller que foi o Relatório, tornou-se um dos responsáveis pela revolução sexual que aconteceu nos anos 60. Os conceitos apresentados balançaram os valores tradicionais da sociedade estadunidense da época: quem, em 1948, diria que 92% dos homens e 62% das mulheres se masturbavam? Ou que 37% dos homens e 13% das mulheres já tinham tido uma relação homossexual que lhes tinha proporcionado um orgasmo? O segundo volume do Relatório, *Sexual Behavior of the Human Female* (“Comportamento sexual da mulher”) foi lançado em 1953. (É claro que os dados que Kinsey coletou podem ter se modificado, já que a pesquisa foi realizada nos Estados Unidos, no fim da década de 40 e início dos anos 50, mas é inegável a importância destes estudos para maior conhecimento da sexualidade humana).

Kinsey também desenvolveu uma “escala” da sexualidade, que varia entre dois extremos: exclusivamente homossexual, e exclusivamente heterossexual. Para ele, os seres humanos não ficam apenas nestas duas categorias, mas flutuam entre elas, apresentando diferentes graus dessas categorias (hêtero ocasionalmente homossexual, hêtero mais

do que ocasionalmente homossexual, igualmente hêtero e homossexual, e assim por diante, até alcançar o outro extremo). Contabiliza também os assexuados, ou “indiferentes sexualmente”, mas deixa de fora a poli e a panssexualidades.

Não existe um teste psicológico que determine em qual das classificações da escala cada pessoa se encaixa: de acordo com o Kinsey Institute, da Universidade de Indiana, é um método de auto avaliação baseado em experiências individuais, que pode mudar ao longo do tempo.

Teoria Queer

A sexualidade é um conjunto de elementos, de estar no mundo e se relacionar com as pessoas. A teoria mais contemporânea sobre sexualidade é a *Queer*, que surgiu nos anos 90, e sua principal teórica é a americana Judith Butler. Essa teoria exige que haja mudança, transgressão e experimentação com novas formas de se posicionar no mundo, a partir do questionamento das noções de gênero. De forma mais simplificada, questiona as categorizações universais como homossexual, heterossexual, homem e mulher, defendendo a existência de uma diversas variações culturais que não competem entre si.

A própria palavra “*queer*” já foi uma ofensa — remete ao abjeto, ao estranho, e ao que causa nojo e repulsa. Hoje, com a apropriação do termo pela teoria, ele faz referência à transgressão como uma “arma” contra as convenções. Ser *queer* é rejeitar as normas, pôr em cena tudo aquilo que foge do padrão consolidado pela sociedade. É uma teoria de desconstrução: os estudiosos queer desafiam a validade e a consistência do discurso heteronormativo vigente.

Débora Baldissera
de.baldissera@gmail.com

Gisele Bueno
giselecbueno95@gmail.com

Natália Huf
natalia.huf@gmail.com

Conheça os principais termos

Sexo biológico: toda criança, quando nasce, é identificada como menino ou menina, de acordo com o aparelho genital, composto por uma glândula interna (ovário nas meninas, testículo nos meninos) e pelos órgãos externos (vulva, vagina e clitóris nas meninas, pênis e saco escrotal nos meninos).

Identidade de gênero: é a maneira como o indivíduo se identifica, independente de seu sexo biológico.

Cisgênero: quem se identifica com o gênero designado no nascimento.

Transgênero: não se identificam com as características de gênero do nascimento.

Queer: a sexualidade da pessoa é fluida: ela ora se identifica como mulher, ora como homem, e às vezes fica entre os dois extremos.

Identidade sexual: envolve o sexo biológico e a identidade de gênero. Refere-se ao processo de construção psicológica, por exemplo, de uma criança que nasceu menina acreditar que é realmente uma mulher.

Orientação sexual: direção para onde se inclina o desejo sexual. Independe da vontade do indivíduo.

Heterossexual: atração por pessoas do sexo oposto.

Homossexual: atração por pessoas do mesmo sexo

Bissexualidade: atração por ambos os gêneros, sejam binários (homem e mulher) ou não (transgênero).

Polissexualidade: atração por mais de um gênero.

Panssexualidade: atração por todos os sexos e gêneros.

Assexualidade: não existe atração por nenhum gênero; indiferença à prática sexual.

Demissexualidade: só ocorre atração sexual diante de laços emocionais formados com o outro indivíduo.

Gray-assexualidade: a atração sexual ocorre apenas ocasionalmente.



O coletivo Migre, do curso de Relações Internacionais, foi criado na UFSC esse ano para ampliar a discussão sobre gênero e minorias

Xenofobia ergue muro entre nativos e migrantes

De um lado, o isolamento de quem vem de fora. Do outro, falta de estrutura. Quem está certo?

Volta para tua terra, nordestino filho da puta!

“Não vou nem te mostrar esses álbuns. Tu não é daqui, não vai entender a história dos manezinhos”.

“Não é pra vir... Pronto! Vão lotar outra cidade. Chega! Nós não temos turismo aqui, temos simplicidade e queremos uma vida simples, como manezinhos que somos”.

Essas frases foram encontradas em postagens nas redes sociais, foram ouvidas por pelas pessoas entrevistadas para essa matéria e até mesmo pelas que estão redigindo esse texto. Apesar disso, em 2013, a publicação de turismo americana Condé Nast Traveler elegeu Florianópolis a cidade mais amigável do mundo. Em um trecho do texto publicado no site da revista, o repórter destaca a beleza natural da cidade e a simpatia de seus moradores nativos, caracterizados como “amigáveis e extrovertidos”.

Fora das páginas da revista, as coisas não funcionam sempre assim. Não é difícil encontrar nas redes sociais comentários que culpabilizam os turistas pelos problemas de abastecimento de água e energia elétrica que Florianópolis costuma enfrentar durante a alta temporada, quando cerca de 2,4

milhões pessoas visitam a cidade e a região. Outras reclamações dizem respeito ao aumento do fluxo de carros, que dificulta a mobilidade, principalmente nos trechos que levam até os pontos turísticos, além da quantidade de lixo jogada nas praias.

E se a relação de alguns manezinhos com os turistas não é amistosa, as coisas se agravam um pouco mais com relação às pessoas que vêm morar em Florianópolis. Colado à traseira de alguns carros, o adesivo “Seja bem-vindo, mas não se esqueça de ir embora” explicita a pouca receptividade que Filipe Bezerra, estudante pernambucano que transferiu seu curso de Agronomia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (URPE) para a UFSC há um ano e meio, diz

ter percebido durante seu processo de adaptação na cidade. “Já escutei vários comentários preconceituosos, de perder a conta. A maioria diz que é brincadeira, mas alguns falam muito sério a respeito da minha naturalidade. Em festas, já me disseram pra voltar pra minha terra, porque aqui é lugar de manezinho”.

Andando pela cidade, pode-se ver gravado nos muros palavras de ódio contra os “forasteiros”. O “Fora Haole” — termo que os havaianos utilizavam para designar os que não eram nativos das praias onde surfavam — é o registro mais comum. Chegou a ser chamado de movimento no início dos anos 2000, quando invadiu comunidades da rede social Orkut para espalhar o ódio pelos migrantes

e imigrantes que chegavam à cidade. “O verão tá aí, hein? E a haolezada também... vamo acabar com isso, porra!”, dizia um dos tópicos criados na comunidade. O estudante da UFSC Davi Scherer é sueco, filho de mãe etíope e pai manezinho, e veio morar na Ilha ainda pequeno. Ele ironiza a escolha de um termo estrangeiro em uma representação de xenofobia e reforça que “Florianópolis é uma cidade muito baírrista. Mesmo que grande parte da população seja de fora, quem é ‘daqui’ se sente

no direito de tomar o lugar como seu, e isso vai consequentemente implicar em uma deslegitimação do outro”.

De acordo com dados do último Censo Demográfico do IBGE, publicado em 2010, cerca de 52% da popu-

lação que reside em Florianópolis não é natural da cidade. Desse total, 30% não é nem mesmo de Santa Catarina. O pesquisador de fluxos migratórios Luís Felipe Aires ressalta o fato de Florianópolis ser uma cidade eminentemente imigrante como um fator agravante da xenofobia: “Em Florianópolis a vigência do projeto elitista de cidade associou de forma muito clara o imigrante ao invasor, geralmente identificado como pobre e, mais atualmente, como nordestino. Na região da Grande Florianópolis existem espaços para ricos e espaços para pobres. Há uma segregação socio-espacial muito forte”.

Mas a intolerância não se resume ao silêncio do dia a dia ou a manifestações silenciosas em muros ou na traseira de carros. Um caso que marcou a

estadia de Filipe Bezerra em Florianópolis ocorreu enquanto estava no Centro da cidade e foi parado para revista por dois policiais. Ao verem em seu documento que era natural de Recife, o estudante de agronomia disse que ouviu comentários grosseiros a respeito de sua naturalidade: “Esse puto vem do nordeste pra atrapalhar nosso serviço aqui. Volta pra tua terra, nordestino filho da puta. Disseram isso enquanto me chutavam. Acho que esse foi o pior momento que passei aqui no que diz respeito à xenofobia”.

E quais são os impactos que esse ódio causa? Isolamento e segregação. “As potencialidades de intercâmbio cultural ficam restritas, e predomina uma consciência provinciana, muito limitada, da realidade. Percebe-se, então, que a produção ideológica de associar o imigrante ao encarecimento do valor da terra, ao desemprego e a uma série de problemas sociais surtiu efeito: ela conseguiu colocar trabalhador nativo contra trabalhador migrante”, afirma Luís Felipe Aires. A estudante mexicana Vane González veio para a UFSC no começo desse semestre para estudar Relações Internacionais e seu cotidiano ilustra um pouco desse isolamento. Ela afirma não ter muito contato com os colegas de faculdade, porque eles não sabem se ela fala ou não português. “Não me sinto parte de nenhum grupo, porque todos já têm um... Eles já se conhecem há muito tempo como em todas as escolas, então tento falar com as pessoas e me adaptar”.

Do outro lado do muro de intolerância, os manezinhos dizem se defender da arrogância dos migrantes, principalmente dos paulistas e gaúchos, e do fato de, dia após dia, verem sua cultura confinada em espaços cada vez menores da cidade. O ma-



enquanto acirra segregação cultural

nezinho Heverton Queiroz ressaltou bastante a prepotência dos migrantes: “Na grande maioria eles atrapalham, sim. Atrapalham quando se metem na nossa cultura. Atrapalham quando se acham cheios de razão, comparando suas cidades natal com a nossa cidade. Turistas atrapalham também: quando chega verão, infelizmente, nossa cidade vira uma cidade sem lei”. A Polícia Civil registrou 64 mil boletins de ocorrência e formalizou mais de 2,5 mil prisões e apreensões durante a Operação Veraneio desse ano, que ocorreu em Florianópolis e mais 45 cidades do estado.

Milieli Maria da Lapa não coloca a culpa nos migrantes, mas deixa claro que a Prefeitura deve tomar providências para evitar que a superlotação impeça que novos migrantes e imigrantes cheguem a Florianópolis nos próximos anos. “O único problema é que a nossa cidade não tem uma boa infraestrutura. Para nós que moramos na praia o ruim é o trânsito. Se o transporte público melho-

“A Prefeitura não investe na cidade, maqueia a realidade para vender a ideia de que aqui é perfeito”

rasse, a frota de carros nas ruas diminuiria e isso talvez ajudasse a resolver o problema”. De acordo com dados da Polícia Militar Rodoviária Estadual, o número de carros em Florianópolis cresceu cerca de 30% na época da virada do ano de 2014 para 2015. Nesse período, o perfil do twitter “Trânsito 24

horas” registrou filas de até 15 quilômetros de extensão, que se estendiam do Pântano do Sul até o trevo do Rio Tavares, no Sul da Ilha.

O argumento mais comumente divulgado entre os que culpabilizam migrantes e imigrantes é o aumento da competitividade e a diminuição nas vagas de trabalho para os nativos. Para o manezinho Eder Augusto Petersen, isso não é problema. O problema é preguiça: “Existe emprego e oportunidades para todos, só acho que tinha que ser feito um levantamento para ver se os migrantes e imigrantes querem realmente trabalhar, estudar e acrescentar algo de bom à nossa cidade. Ela está crescendo desordenadamente, isso gera muitos transtornos pra quem mora aqui. Outro problema é que a Prefeitura não investe em mobilidade, saneamento, educação e segurança, maqueiam a realidade para vender a ideia de que aqui tudo é perfeito”.

Luís Felipe Aires concorda com o fato de que se tenta vender cada vez mais a ideia de uma Florianópolis perfeita, com estrutura adequada a receber quantos turistas se dispuserem a vir e um povo amigável que aceita o outro como irmão, independente de origem e objetivo. O problema é que, depois que acaba o verão e a propaganda, o migrante que decide tentar a vida por aqui é estigmatizado. “A produção de Florianópolis como uma cidade-mercadoria, vendida em anúncios e reportagens de revistas de turismo, produz fatores de atração para turistas e imigrantes, mas a ideologia dominante na cidade os diferencia, associando o turista a uma fonte de divisas e o imigrante à raiz dos problemas sociais. A exaltação do turista se encerra com o fim do verão, quando retoma a associação do imigrante às contradições urbanas e sociais da cidade”.

Nenhum dos migrantes e imigrantes entrevistados concordou com o título de cidade mais amigável do mundo que a Condé Nast Traveler deu a Florianópolis.

Amigável, segundo Scherer, só se for para os turistas ricos, dispostos a gastar nos shoppings e capazes de aproveitar o melhor da estrutura luxuosa que

a cidade oferece a quem pode pagar. Impiedosa, segundo Filipe, com os migrantes nordestinos que vêm para cá trabalhar na construção civil e têm de se apinhar nos morros na periferia da cidade. Apesar de tudo isso, no entanto, todos são categóricos ao afirmar que existem, sim, muitos manezinhos que se interessam e respeitam a cultura estrangeira. Talvez, como disse Filipe, o importante seja se agarrar a isso e lutar para que as coisas melhorem: “Florianópolis é uma cidade muito bonita: tem suas belezas naturais, sua cultura e um povo tranquilo, mas que assim como o Brasil todo tem preconceito. E é isso que precisa mudar. Sei que várias pessoas gostam de mim, gostam de nós, do nosso sotaque e da nossa cultura. Espero que cada dia seja mais assim, em Florianópolis e em todos os lugares do país”.

Nenhum entrevistado concordou com o título de cidade mais amigável do mundo dado a Florianópolis

Amanda Ribeiro
amandarbarques@gmail.com
Paula Barbabela
paulabarbabela@gmail.com



Ilustração: Paula Barbabela

UFSC não enviará atletas à Copa Unisinos

Universidades do Mercosul participam do campeonato, considerado o principal pelas equipes

Duas noites por semana um grupo de meninas se junta para treinar handebol. Quase sempre está chovendo e não demora para uma delas escorregar nas poças de água que se formam na quadra do Ginásio I do Centro de Desportos da Universidade Federal Santa Catarina (UFSC). Os meninos, que já vão começando a chegar para o treino tático masculino que vem em seguida, brincam de campo minado nas arquibancadas até achar um lugar seco para sentarem - é um ginásio coberto. Essa é uma parte da realidade dos atletas da UFSC que treinam para representar a instituição em competições como os Jogos Universitários Catarinenses (JUCs) e a Copa Unisinos. O clima de desânimo fica ainda maior com a notícia que acaba de chegar: não poderão participar da competição para a qual eles treinaram o ano inteiro.

O Campeonato

A Copa Unisinos acontece todos os anos desde 1986, é organizada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e reúne instituições de ensino superior de todo o Mercosul para competir em mais de 10 modalidades. São quatro dias de evento nos quais as universidades competem no Campus da própria Unisinos, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Na edição de 2014, o campeonato contou com a presença de delegações dos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e também participantes do Uruguai. Em outras edições, já houve participação de delegações do Chile e da Argentina.

A intenção é incentivar o esporte universitário e a organização esportiva no ensino superior já que poucas dessas equipes têm a oportunidade de jogar em competições de caráter nacional ou internacional. Para jogarem os Jogos



Time de handebol da UFSC participou das últimas edições da Copa Unisinos e ano passado ficou entre as cinco melhores da competição

Universitários Brasileiros (JUBs), por exemplo, os times precisam vencer os jogos estaduais, JUCs (Jogos Universitários Catarinenses), no caso das equipes da UFSC. Os vencedores dos JUBs competem depois no Unisinos, o campeonato internacional organizado pela Federação Internacional do Desporto Universitário (FISU).

A Copa Unisinos é a competição mais esperada por muitos times do Clube Universitário da UFSC, pois é a única do ano para muitos deles e por isso costumam se preparar apenas para este evento. Em 2015, a delegação da

UFSC, que costuma ser uma das maiores do evento, não recebeu todas as condições financeiras necessárias para levar seus atletas e a universidade não terá representação em nenhuma das modalidades. As universidades federais do Paraná (UFPR), do Rio Grande do Sul (UFRGS), de Santa Maria (UFSM) e do Rio

Janeiro (UFRJ) competirão na Unisinos 2015 normalmente.

Verba

A Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) afirma que recebeu um pedido de R\$ 72.585,00 para bancar os custos de toda essa viagem, e que antes de haver uma resposta por parte da Administração Central, os professores treinadores das equipes decidiram por não participar da competição.

Segundo o Professor Michel Saad, Chefe da Divisão de Esportes e Lazer e professor do Centro de Desportos, não foi bem assim. Um e-mail enviado pelo Diretor do Departamento de Assuntos Estudantis, Sergio Luis Schlatter Junior, confirmava que, em virtude de dificuldades financeiras da UFSC, a PRAE arcaria com os custos da inscrição e do transporte e que o restante dos gastos seria pago pelos atletas, que seriam ressarcidos posteriormente. As equipes que quisessem competir teriam que pagar do próprio bolso a hospedagem e a alimentação nesses quatro

dias de jogos - algo em torno de R\$ 600 por atleta - e esperar o reembolso.

De acordo com o professor Paulo Macedo, responsável pelas equipes de basquete, a situação do reembolso não ficou bem clara e não se sabia se os alunos seriam ressarcidos integralmente e nem quando esse dinheiro seria devolvido. "Eles não dizem nem que vão ajudar com certeza e nem que não vão ajudar,

fica tudo nebuloso e depois, quando os professores decidem não ir, fica como se nós é que tivéssemos desistido por vontade própria."

O professor Valmir

Oleias, vice-presidente da Apufsc e professor do CDS, conta que foi a um congresso em São Paulo no mês de março e gastou mais ou menos R\$ 800 em diárias. Segundo ele, a UFSC demorou três meses para o ressarcir e recebeu apenas R\$ 500. Para ele, "fazer isso em um evento no qual são professores da universidade que viajam é uma coisa, submeter uma quantidade enorme de alunos à isso é outro esquema".

Diante dessa situação, os professores

responsáveis pelas equipes fizeram uma reunião e concordaram que dessa maneira ficaria inviável viajar para participar da competição.

Outros anos

Em 2013, os atletas ficaram alojados no campus da própria Unisinos, mas com o acidente da Boate Kiss, a fiscalização do corpo de bombeiros restringiu o número de alunos que poderiam usar este espaço para se alojar e no ano seguinte os alunos da UFSC já ficaram em um hotel. Em 2014, os 138 atletas que viajaram foram com tudo pago pela universidade: inscrição, alimentação, transporte e hospedagem. Para isso, houve a parceria entre PRAE e CDS e a liberação de mais de R\$ 50.000,00 para garantir a representação.

"Eu acredito que possa ter modificações nos procedimentos burocráticos, mas deve haver soluções! Resta saber - daí eu não sei, não estou dando minha opinião sobre isso - se as pessoas querem ou não querem achar as soluções. Elas existem porque continua tendo tudo na universidade: coquetéis, formaturas, visitas de professores para palestras... De alguma forma estão pagando todas essas coisas" diz o professor Paulo Macedo.

O caso Emcatour

A empresa de turismo Emcatour pres-

"Eles não dizem nem que vão ajudar e nem que não vão ajudar. Quando os professores decidem não ir, fica como se nós é que tivéssemos desistido"

Resultados



Atletismo Masculino
Judô Feminino



Atletismo Feminino
Futsal Masculino



Voleibol Masculino



Futsal Feminino
Voleibol Feminino
Handebol Masculino



Handebol Feminino

ta serviços à universidade e facilitou a questão de hospedagem e alimentação dos atletas na viagem de 2014. Ao serem perguntados sobre os serviços dessa empresa, todos os professores entrevistados afirmaram que foram informados que esta não prestava mais serviços à UFSC.

Segundo o Professor Luciano Lazzaris Fernandes, responsável pelas equipes de Handebol, sem os serviços da empresa, para viajar seria necessário que os próprios professores fizessem uma pesquisa de preços para apresentar à universidade e, caso os gastos passassem de oito mil reais (que seria o caso), seria necessária a abertura de um processo licitatório para a prestação desses serviços, o que complicaria ainda mais a ida dos times à competição.

Nossa equipe entrou em contato com a Emcatur e a resposta foi que o contrato da mesma com a UFSC, feito através de uma licitação para passagens terrestres, hospedagem e alimentação está vigente até fevereiro de 2016.

A resposta da PRAE quando perguntada sobre o assunto foi a de que o contrato com empresas terceirizadas não teve influência na participação da UFSC na Copa Unisinos e que os contratos que viabilizariam a participação das equipes estão em vigor.

Decepção

O capitão do time masculino de handebol, Leonardo Dalri, de 26 anos, afirma que o time estava treinando sério desde o começo do ano, fazendo treinamento físico pesado fora do horário de treino tático só para competir na Copa Unisinos. "Esses dois últimos anos a gente já não viajou para competir no JUCs com a desculpa de que iríamos ter que escolher entre um dos dois campeonatos, mas treinar por treinar não vale a pena. Essa falta de competição desmotivava o pessoal, grande parte do elenco parou de treinar e a tendência é só piorar." Depois que os atletas souberam que não teriam apoio para viajar e que estariam fora da competição, mais da metade parou de ir aos treinos. Mateus Steiner Scaini, subcapitão do time, se pergunta: "A gente tá treinando pra que? Se for só pra bater bola, a gente pode vir, jogar e ir embora, mas não, a gente se dedica e vem pra cá pra praticar o esporte de maneira competitiva."

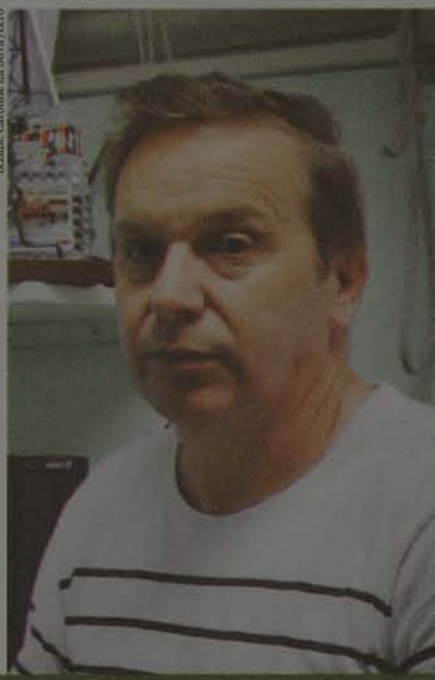
No primeiro semestre, devido ao corte de gastos, os coordenadores das modalidades optaram por não disputar o JUCs por diversos fatores: a distância da viagem, a data (era no meio das férias de inverno da UFSC, quando parte dos alunos normalmente não se encontra em Florianópolis) e o alto nível das equipes envolvidas. "Fizemos a opção pela Unisinos e, no meu entender, ao escolher entre as duas, a segunda estaria garantida" conta o professor Mário Barroso, treinador do time feminino de voleibol. "A minha equipe foi dividida e as atletas universitárias deixaram de viajar para uma outra competição em Curitiba na expectativa de ir para a Unisinos. Essa

foi uma promessa que fiz para o meu grupo e eu não posso cumprir por motivos alheios a nossa vontade, agora eu tenho 12 atletas decepcionadas."

A atleta Maria Eduarda Vieira Delgado treina handebol pela equipe feminina desde o segundo semestre de 2012, quando entrou no curso de Engenharia Sanitária e Ambiental, e ainda não conseguiu competir na Copa Unisinos. Na primeira vez lesionou-se um dia antes da viagem e na segunda vez eu não foi inscrita. "Essa era a primeira vez que eu estava treinando desde o início do ano e esperando ir. No início do ano a gente não tem nenhuma competição, a gente treinou o ano todo só pra essa e chegou agora e foi cortada. Mas é assim mesmo, é tudo meio desorganizado com o esporte aqui na UFSC, a gente treina mesmo só porque ama treinar".

A capitã do time, Tamara Berto de Oliveira complementa: "Estávamos treinando bem forte desde o início do ano, estávamos bem preparadas e pensávamos seriamente que iríamos. Com essa greve dos servidores, já estávamos vendo o nosso sonho ir para mais longe e agora veio o baque que a universidade real-

a primeira vez, depois de um tempo no qual se estava sendo investido dinheiro para criar uma base nos esportes, que não foi delegado recurso para isso. Segundo o professor, o esporte é um meio de socialização, de integração com outras pessoas, de adquirir disciplina e qualidade de vida e está sendo mais uma vítima de um processo no qual há muito dinheiro e pouca gestão e falta de vontade envolvidos. "É só observar a questão do espaço físico mesmo. Essas quadras



"Gastar dinheiro com esporte universitário não é gasto, é um investimento que se faz na qualidade de vida das pessoas, num novo foco para a vida delas"

Valmir Oleias

mente não vai nos proporcionar a viagem. Queria deixar claro que não é por falta de vontade do handebol feminino e masculino que a gente não vai, é realmente por causa dos fundos que eles não conseguiram ou que dizem que não tem".

Futuro

O professor Michel Saad, Chefe da Divisão de Esportes e Lazer (DEL) do Departamento de Assuntos Estudantis (DAE), argumenta que toda essa situação serviu para mostrar as dificuldades que o Clube Universitário vem enfrentando para montar e treinar suas equipes. "O que falta é uma política para o esporte e é o que eu estou tentando começar lá na DEL. Primeiro a gente precisa arrumar a casa". Esta política é necessária para que se tenha um valor financeiro disponível para a DEL tentar impulsionar as equipes e enviá-las para esse tipo de evento. "Tendo um orçamento fixo, por menor que seja, a gente sabe o que pode e o que não pode fazer. Precisamos de estrutura para melhorar a qualidade e a competitividade dos nossos times nesses eventos", explica.

O professor Renato Moro, responsável pelas equipes de Xadrez, conta que é

do CDS, por exemplo, estão uma vergonha, qualquer um que passa por ali vê que as quadras estão abandonadas", afirma.

Esse pensamento é coletivo: há desorganização e descaso com o esporte na UFSC e o espaço físico é um reflexo visível disso. Em dias de muita chuva, comum em Florianópolis, parte da quadra e da arquibancada do ginásio 1 ficam alagadas e impossibilitam os treinos. As bolas destinadas aos esportes já estão velhas e desgastadas, os coletes estão na mesma situação.

"Não é de hoje que a UFSC é uma vergonha tanto no gerenciamento, quanto na parte de financiamento. Tudo bem que estamos no meio de um processo de vacas magras, crise, falta de recurso, falta de políticas, falta de um monte de coisa... Mas tem que se dar prioridade à coisas essenciais, gastar dinheiro com esporte universitário não é gasto, é um investimento que se faz na qualidade de vida das pessoas, num novo foco para a vida delas e nós envolvemos muita gente nesse nosso projeto".

Bruna Ritscher

brunaritscher@gmail.com

Leislilê Caroline da Silva

leislilie.caroline@gmail.com

Chapas da reitoria fazem propostas para esporte

A equipe do Zero entrou em contato com os candidatos à reitoria para saber as propostas das cinco chapas para o esporte universitário como um todo e para que esse tipo de situação não volte a acontecer.

81 Chapa Confiança na UFSC Cláudio Amante e Rogério Bastos

A chapa tem como proposta a participação de estudantes em atividades culturais, sociais e esportivas, pois para eles o maior problema que existe hoje em dia dentro da universidade é a insegurança. E ela não é só física e patrimonial, mas uma insegurança, também, com relação a vida que o estudante tem dentro da universidade. Pretendem incentivar a prática esportiva, colocando-a no calendário financeiro da universidade. Objetivam buscar mecanismos de apoio e, caso a universidade não possa cumprir, tentar buscar parcerias. E se não existir esse recurso, será obrigação dos reitores ir atrás deles.

82 Chapa A UFSC Pode Mais Cancellier e Alacoque

Propõem criar uma Secretaria de Esportes com autonomia financeira e administrativa que resolverá todas essas demandas não contempladas por falta de recursos e pela burocracia que impede o orçamento de hospedagem e alimentação, antes realizada pela empresa Emcatur. Além disso, outras propostas de fortalecimento do esporte universitário estão desenhadas. Entre elas estão: o apoio às Atléticas; oferta de bolsa atleta; recuperação dos ambientes esportivos do CDS e construção de ginásios esportivos nos campi.

83 Chapa UFSC é o nosso compromisso Roselane e Lúcia Helena

As candidatas afirmam que vão continuar apoiando projetos dos estudantes da universidade, que seguem critérios e prazos da instituição. Reafirmam o esporte como prática e estratégia de permanência estudantil importante e que elas têm por princípio, estimular a realização de práticas corporais e as iniciativas estudantis relacionadas. Além de apoiar as Atléticas e estimular seu vínculo acadêmico, como instrumentos de integração esportiva estudantil e promoção da saúde. Lutam também pela ampliação da participação da UFSC no orçamento federal, através do reconhecimento do crescimento qualitativo e quantitativo, para que não ocorram problemas de falta de verbas nesta área.

84 Chapa UFSC Mais De Pieri e Bebeto

A chapa afirma que sua posição é de total apoio às atividades esportivas, que a PRAE deve tratar os atletas que competem e representam a UFSC da mesma maneira que apoia os alunos quando participam de congressos, simpósios e viagens de estudos. Propõem, também, que haja um planejamento anual e um orçamento reservado para isso. Afirmam que existe uma mudança estrutural que precisa ser feita: deve-se viabilizar uma forma de recebimento de patrocínios para constituir um fundo de participação em eventos esportivos, artísticos e culturais, e que hoje a UFSC não tem nenhum mecanismo que permita o recebimento de patrocínios ou doações. A constituição desse fundo poderá ser alimentada, inclusive, com recursos provenientes de cursos extracurriculares pagos.

85 Chapa Somos Tod@s UFSC Irineu e Mônica

Os candidatos planejam incentivar as atividades esportivas para a comunidade interna e externa. Assim, será elaborado um programa específico, com alocação de recursos para apoiar as atividades esportivas de discentes, técnicos e docentes. As atividades esportivas serão consideradas em sua gestão como importante atividade para melhorar a qualidade de vida da comunidade interna e a integração da comunidade universitária. A partir desse programa, juntamente ao Centro de Desportos serão desenvolvidas ações específicas para incentivar atividades esportivas também pela comunidade externa.



Ao som da Marcha Nupcial, os cônjuges percorreram o tapete vermelho e oficializaram suas relações

Casamento coletivo celebrou a união de casais homoafetivos

A cerimônia reuniu cerca de 800 pessoas que comemoraram a união civil dos recém-casados

Em nome da lei, eu os considero casados..." Antes que o juiz de paz Jackson Rodrigues de Assis pudesse concluir a tradicional frase, sua voz foi encoberta pelos gritos de comemoração dos 40 casais que celebraram a união civil no primeiro casamento coletivo homoafetivo de Santa Catarina. A cerimônia realizada em Florianópolis no dia 26 de setembro reuniu aproximadamente 800 pessoas, entre noivos e convidados, e foi organizada pela associação Amigos em Ação, em parceria com o Tribunal de Justiça de Santa Catarina. Ao som de Thousand Years de Christina Perri, noivos e convidados trocaram beijos, abraços e lágrimas de felicidade pela conquista do tão sonhado matrimônio.

A cerimônia aconteceu na mesma semana

em que a comissão especial do Estatuto da Família da Câmara dos Deputados aprovou o texto principal do Projeto de Lei 6583/13, que define família como a união entre homem e mulher por meio de casamento ou união estável. "Infelizmente, pela legislação, por um Congresso conservador, hoje não estamos comemorando o centésimo, o quadragésimo, o milésimo casamento homoafetivo", analisou o vereador Tiago Silva (PDT), ligado ao movimento gay.

Casamentos coletivos já fazem parte da história da Associação. A iniciativa começou há dez anos, quando a coordenadora voluntária dos Amigos em Ação, Luciana de Bastos Silva, a Lu do Bem, decidiu realizar casamentos coletivos. Desde então, mais de oito mil casais se uniram oficialmente. A primeira cerimônia homoafetiva começou a ser organizada em maio desse ano, com a abertura das inscrições. Foram 110

casais inscritos, mas apenas 40 finalizaram o processo. "Algumas pessoas chegaram e me disseram: 'Lu, não faz, você vai se queimar, não faz o casamento deles'", lembra a organizadora. "Eu decidi, por causa da mídia, por causa da TV, por causa de novela, que eu ia ajudar. Meu trabalho é social. Eu não vejo se é homem ou mulher, eu vejo o cidadão. O que vale é realizar o sonho de cada um".

Porém, o trabalho de Lu do Bem não é apenas social, já que com essa iniciativa passa a ser também uma causa política que ajuda a garantir direitos, frequentemente negados, aos homossexuais. "Nessa atual conjuntura em que vivemos hoje, em que lá de cima querem nos dizer o que é ser família, o que estamos fazendo aqui é um ato político. Estamos conquistando direitos que nos são negados pela simples falta de um papel burocrático, e vale lembrar que o amor supera qualquer coisa", declarou Lirous K'yo Fonseca Ávila, presidente da Associação em Defesa dos Direitos Humanos com Enfoque

na Sexualidade (ADEH). A burocracia tradicional para conclusão do processo de adoção foi o motivo que levou o agente de saúde Danilo Djalma, de 44 anos, e o cuidador de idosos Elizel Rodrigues Barbosa, de 52, à cerimônia. Depois de perderem a guarda provisória da criança que estavam prestes a adotar - a criança ficou 12 dias com o casal e foi tirada por falta de documentos que comprovassem a relação estável dos dois - eles decidiram formalizar o relacionamento de mais de uma década.

A cerimônia emocionou, inclusive a representante do movimento LGBT, Selma Bastos Light, que lembrou de todo o caminho percorrido para que esse dia chegasse:

"Quantos anos se pediu, quantos anos se lutou, quantos anos se foi para rua, quantos anos se chorou, para estar aqui, hoje, de mãos dadas". Há muito tempo venho me perguntando: 'será que tudo isso que eu

fiz na minha vida, ser uma pessoa transexual, militante, valeu a pena? Ai, eu olho para vocês, e como vale a pena. Vocês são lindos, vocês têm direito a tudo". Seguidos de suas testemunhas e sob a clássica Marcha Nupcial, os cônjuges caminharam pelo tapete vermelho que levava às mesas onde, enfim puderam oficializar suas relações. Papeis assinados, seguiram para a foto com o novo documento e depois saíram livres para festejar e iniciar a nova fase.

O segundo casamento coletivo homoafetivo já está sendo organizado. Será realizado em 26 de março e as inscrições já estão abertas no site do Amigos em Ação: www.amigosemacaos.wix.com.

Ariane Cupertino

ariane.mcupertino@gmail.com

Karine Lucinda

karine.lucinda@gmail.com

Mônica Custódio

monicacustodioc@gmail.com



Danilo Djalma e Elizel Rodrigues Barbosa oficializaram a união após 10 anos